

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO X

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1923

Nº 119

Grupo mantenedor: Bertholdo Klinger — Presidente de Honra,
Nilo Val, Paes de Andrade e A. Pamphiro, (redactores),
Orozimbo Pereira (Thezoureiro), E. Leitão de Carvalho, L. P. Souza Pinto, Eurico Dutra,
Lima e Silva, Parga Rôdrigues, Pompeu Cavalcanti, Pericles Ferraz, Newton Cavalcanti,
Daltro Filho, Eloy da C. Catão, Brazílio Taborda, F. J. Pinto, João Pereira,
Fran. P. S. Fonseca, C. de Abreu, Sylvio Scheleider e Alcides M. Lima.

SUMMARIO

Pgs.

Exercito e Marinha.....	757 Redacção
A chimica na guerra moderna.....	758 Tenente B. de Carvalho
Defesa e ataque das localidades.....	760 Ten. Coronel Barrand
O effectivismo corrosivo.....	762 Cap. L. Correia Lima
Palestras techniques.....	765 Major Paes de Andrade
Policia Militar.....	767 Capitão Albino Monteiro
Artilharia nos postos avançados.....	769 Capitão Silio Portella
A questão dos capellães.....	772 Capitão A. Pamphiro
Serviço de subsistencia em campanha.....	773 Ten. Col. A. Farin Correia
Pontoneiros em acção.....	775 Tenente Lima Figueiredo
Um esquadrão de cavalaria em descoberta.....	778 Tradução
Escola de tiro para a Artilharia de Costa.....	784 Capitão Francisco Fonseca
Resumo da Guerra do Paraguai.....	786 Capitão Nilo Val
Factos & Notas.....	789
Bibliographia.....	793
Expediente.....	793

OLIVEIRA ANDRADE & Cia

IMPORTADORES E EXPORTADORES

— DE —

Cimento, Ferragens,
Tintas, Oleos,
Louças, Cutelarias,
Materiaes para Construcção,
etc., etc.

RUA 7 DE SETEMBRO N. 67

TELEPHONES:

Escriptorio: Norte 7664

Armazem: Norte 7787

RIO DE JANEIRO

"A guerra do Brasil com a Republica Argentina em 1827

E AS QUESTÕES DO RIO DA PRATA

PELO TENENTE

Amilcar Salgado dos Santos

Obra de cerca de 400 pag. se acha á venda nas livrarias: "Scientifica Brasileira" á rua S. José n. 114 — "Cruz Sobrinho" á mesma rua n. 82 — "Leite Ribeiro" á rua Bittencourt da Silva, "Alves" rua do Ouvidor, 66 e nas principais de São Paulo e Santos.

Acha-se á venda nas mesmas livrarias:

A GUERRA DA INDEPENDENCIA

por:

Amilcar Salgado dos Santos

Acaba de sahir:

HISTORIA MILITAR DO BRASIL

PELO

Cap. Genserico de Vasconcellos

SEGUNDA EDIÇÃO

Um grosso volume in-8º com 600 pgs.
de texto em composição compacta
e grande numero de mappas a cores
«fóra do texto»

Preço (livre de porte) } em broc. 12\$000
encader. 15\$000

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Paulo de Azevedo & Cia.

Rio de Janeiro — Rua do Ouvidor, 166

São Paulo — Rua Libero Badaró, 129

Bello Horizonte — Rua da Bahia, 1055

A MINHA DEFESA

Replica ao Tenente-Coronel Beverina,
do Exercito Argentino, a propósito
da Campanha de 1851-1852

PELO

Capitão Genserico de Vasconcellos

Preço 2\$500

Marchas (Organisação das) —	
pelo Capitão Nilo Val.....	3\$000
Campanhas Brasil-Rio da Prata	
— pelo mesmo.....	3\$000
Notas sobre a Historia Militar	
do Brasil — pelo mesmo.....	2\$000
Notas sobre Jogo da Guerra —	
pelo mesmo.....	2\$000

A' venda na Papelaria Macedo — Rua da Quintana, 74 e Livraria Editora de Leite Ribeiro
— Rua Bittencourt da Silva

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: NILO VAL, PAES DE ANDRADE e A. PAMPHIRO

Nº 119

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1923

Anno X

Exercito e Marinha

Se algum dia, hypothese antipathica, mas possivel, o Brasil houver de medir forças com qualquer potencia estrangeira, terá de fazel-o mediante o emprego constante de suas forças de mar e terra conjugadas, pois que não é apenas o bom-senso que nos indica isso, mas a propria observação dos factos do passado, entre os quaes não podemos esquecer a campanha do Paraguai.

Essa convicção mais se firmará ainda, se atirarmos um golpe de vistas, mesmo rapido, sobre a situação geographica do paiz e a escassez de vias de comunicação entre os diferentes Estados, o que torna um problema de alta monta o auxilio reciproco entre elles ou a convergência de esforços para uma zona.

Mas, a simples juxtaposição desses dois departamentos — marinha e exercito — no momento preciso, não resolverá o problema, e antes até fará com que avultem os attrictos já naturaes em todas as crises agudas, principalmente as da guerra, que constituem geralmente questões de vida ou de morte.

Reservar para o momento da crise as cogitações sobre o assumpto, na enganosa esperança, aliás tão do agrado brasileiro, de que o Acaso resloverá o problema com benevolencia ou van-

tangens para nós, seria um desastre de consequencias incalculaveis, mas que se deverá considerar desde já como terrível, dado o carácter das guerras modernas, em que não apenas as tropas, mas as nacionalidades inteiras se engolpham com todas as suas energias.

Será preciso, portanto, harmonisar de ante-mão as tropas de mar e terra, dando-se-lhes uma mesma doutrina de guerra, um mesmo methodo, uma mesma maneira de considerar os problemas militares e um perfeito conhecimento umas das outras, para que se possam auxiliar ou completar, como é preciso.

Mas será isso possível quando se entregar a instrucção do Exercito a uma missão allemã ou francesa e a da Marinha a uma missão japoneza ou norte-americana?

Certamente que não. Raças antagonicas inocularão, naturalmente, predi-cados antagonicos, creando caracteres que jámais poderão confundir-se n'um mesmo ideal, agindo harmonicamente para um mesmo fim.

Ora, se bem que a tactica e a estratégia sejam conjuntos de principios verdadeiros para todos os povos, pois que não resultam da vontade ou phantasia dos homens, mas sim da propria natureza das cousas, nem por isso dei-

xam elles de sofrer, em sua applicação, as influencias caracteristicas de cada povo e de cada territorio, sem contar com outros factores de notavel valimento e que terão de entrar na discussão dos casos particulares.

Não será, pois, indiferente entregar a uma ou a varias raças o prepero militar de um paiz, e muito menos de um

paiz novo e assoberbado na solução de centenas de problemas, cada qual mais complexo, e de maior importancia.

Modestas sentinelas, que somos, da segurança do Brasil, ahi fica o nosso grito de alarme, que oxalá seja escutado pelos responsaveis maiores e em cujas mãos se acham as nossas esperanças de garantia.

A CHIMICA NA GUERRA MODERNA

AVIAÇÃO E GAZES

... Si isto continua assim, os explosivos poderão ser suprimidos na aviação, porque se obterão melhores resultados com os gazes,...

(Da conferencia realizada pelo az francez Cap. René Fonck no Círculo Militar Argentino, em 9-10-922).

Tratamos por primeiro, no numero anterior desta Revista, do emprego dos gazes na Artilharia, porque em nenhuma outra arma foi até agora tão intenso o seu uso; hoje trataremos dos gazes na Aviação, porque esta vae ser a que mais os utilizará de futuro. Entre taes extremos, porém, o estudo que posteriormente faremos dos gazes na Infantaria, na Cavallaria e na Engenharia não terá o seu valor em nada diminuido.

*
**

Não ficou provado que durante a lucta europea os belligerantes tivessem se servido de gazes nos seus aviões de bombardeio; fallou-se apenas que aeroplanos allemaes, em junho de 1918, deixaram cahir sobre os ingleses, perto de Ficheux, bombas carregadas com arsinas (esternutatorios); mas, tambem ainda hoje se diz que, quando sobreveio o armisticio, os aviadores americanos iam lançar sobre Metz bombas de gaz mostarda ou yperite.

Na proxima guerra, porém, os gazes constituirão o meio normal de combate de que se servirão os aviões e como, no publico vaticinio do grande sabio Thomas Edson, «Os gazes e os aeroplanos serão os seus factores decisivos», é esta conjugação bellica que mais deve merecer cuidados e attenção

da parte dos Estados-Maiores, na organisação de seus futuros planos de campanha.

A mais poderosa peça de artilharia tem o alcance limitado a poucas dezenas de kilómetros, enquanto que um aeroplano qualquer tem seu raio de acção de muitas centenas de milhas; por sua vez, a maior carga toxica até hoje empregada em projectil de cañhão não ultrapassou 16 kilos (obuz allemao «cruz verde ordinaria», de calibre 210 mm, carregado com chloropicrina e chloroformato de methyla trichlorado, a 50% de cada), enquanto que uma bomba de avião pôde conter até uma tonelada de gaz, cuja persistencia pôde renovar, por semanas a fio, efeitos muito maiores que os que pudesse produzir, em determinado local, uma suposta carga decupla de fortissimo explosivo.

Os estudos e experiencias feitos depois de 1918 confirmaram que o aeroplano é o melhor meio para utilisação dos gazes na producção de nuvens locaes, bem como na formação do chamado «orvalho da morte», que tanto serve para interdictar as estradas e cruzamentos, de travessia obrigatoria pelo inimigo, ou seus pontos de provavel estacionamento, como para infecionar as zonas por elle ocupadas, constrangendo-o a evacual-as.

ATAQUE DE GAZES POR MEIO DE AVIÕES

Dous são os processos:

1.º — Lançamento de bombas de carga variavel no meio do inimigo, quando não ha vento; ou na sua vizinhança e retaguarda, relativamente ao sentido do vento, quando este sopra na direcção do atacado com velo-

cidade maxima calculada em 5 metros por segundo.

As bombas, ao cahitem, explodem contra o alvo, formando densa nuvem que envolve logo os occupantes da posição atacada, ou então, levada pelo vento, vae varrer o sitio em que se encontram, não dando tempo a medidas de protecção, causando baixas e desordens temporarias, quando não chega a matar logo em massa e a anniquillar, pelo panico despertado, o moral collectivo das tropas attingidas.

2.º — Lançamento directo de liquido vesicante, toxico ou simplesmente lacrimogenio, de densidade sufficiente, que, cahindo em filete, de um reservatorio adaptado ao avião, por um orificio de sahida situado atraç, mas na direcção do eixo do apparelho, é mecanicamente reduzido a goticulas pela resistencia do ar e, qual inoffensiva garôa, desce sobre a terra, molhando toda a superficie que lhe embarga a queda.

Além da humidade deleteria que vae deixando ficar na atmosphera á proporção que cae, o «gaz» assim esparzido, em geral praticamente insoluble na agua, vae mui lentamente se desprendendo do sólo, por evaporação, tornando assim por muitos dias infeccionadas, devido ás emanacões de cada momento, as zonas que contaminou.

EFEITOS DO LANÇAMENTO DE GAZES POR AVIÕES

Bombas — Os efeitos são os mesmos que os dos projectis congeneres de artilharia, mas augmentados em muito de intensidade e de duração, abrangendo ao mesmo tempo, maior superficie, devido á maior capacidade util de que, sob igual volume, dispõem.

A natureza do gaz empregado faz tambem variar, para bombas de um mesmo peso, a extensão dos efeitos em actividade, tempo e area.

Infelizmente só conhecemos os resultados experimentaes referentes a dous gazes e a dous typos de bombas: as conclusões delles decorrentes, quando a velocidade maxima do vento não excede 5 metros por segundo, resumem-se no seguinte:

Bombas de 25 e 50 libras (americanas) carregadas com *chloracetophenone* (gaz que não chegou a ser usado na guerra européia), na proporção de 10% para 90% de tetra-chloreto de carbono (solvente), podem cobrir uma area approximada de ms. 100×500 ou sejam 50.000 metros quadrados e exercem

uma acção terrivelmente lacrimogenia, durante um periodo de tempo que varia de 1 hora a 1 dia, conforme se tratar de campo aberto ou de terreno cheio de anfractuosidades, de bosques ou de habitações arruadas, etc.

As de 50 libras, mas com *cyaneto de bromobenzyla*, exercem sobre cerca de ms. 100×200 ou 20.000 metros quadrados, além de effeitos toxicos semelhantes aos do chloro, uma acção mais lacrimogenia que qualquer dos seus similares usados na grande guerra e que pôde se fazer sentir, conforme a topografia do local, durante um periodo que varia de 3 a 7 dias.

Com essas indicações, que se referem a um gaz não persistente e a outro persistente, se podem deduzir os effeitos a serem obtidos com o emprego tactico de um determinado gaz, lançado de um aeroplano por meio de bombas.

Ora, como se sabe, um avião moderno pôde transportar até 2 toneladas de bombas; supondo-se todas de 50 libras ou mesmo só de 22 kilos exactos, teríamos a possibilidade de um só apparelho atacar $90 \times 50.000 = 4.500.000$ metros quadrados com um gaz não persistente ou $90 \times 20.000 = 1.800.000$ metros quadrados com um persistente; d'onde, uma esquadriilha de 50 aeroplanos poder, theoricamente, infeccionar para muitas horas ou mesmo muitos dias, uma zona de 225.000.000 ou de 90.000.000 de metros quadrados!...

Esparzimento de liquidos — São empregados sempre gazes persistentes. Os efeitos são semelhantes aos que resultariam de um grande e intenso bombardeio, com um consumo de gaz muitas vezes maior. Quando é feito para interdictar estradas ou pontos obrigatorios de passagem ou de estacionamento posterior do inimigo e quando o gaz empregado foi previamente desodorado, a insidie que resulta, pela apparencia inoffensiva do terreno, faz com que se produzam verdadeiras hecatombes.

Experiencias realizadas mui recentemente no campo experimental do Arsenal de Edgewood, nos Estados Unidos, provaram que um aeroplano com um reservatorio contendo 30 gallões (cerca de 140 litros) de «yperite» ou de «lewisite», liquidos vesicantes e toxicos, ambos, mais densos que a agua, de pontos de ebullição bastante altos, pôde, mesmo sem baixar de 1.000 metros, cobrir, em sua passagem, uma faixa de 50

metros de largo por 1.250 de comprido, com uma chuvinha fina do caustico utilizado.

EFFICACIA NO LANÇAMENTO DE GAZES POR AVIÕES

Com as bombas, o maior rendimento se obtém quando o vento é fraco ou nullo em derredor da posição inimiga; com o lançamento directo, é nas regiões abaixo do plano em que vôa o apparelho que se exige maior calma na athmosphera. Usando-se o primeiro processo, militam, para justificar o requisito, as mesmas razões adduzidas para o emprego dos projectis toxicos; quanto ao esparzimento, é logico que o vento muito acima do alvo encaminharia para pontos outros a garôa malefica a elle destinada.

O calor favorece a efficacia no lançamento por bombas, accelerando a evaporação superficial, quando elles contêm líquidos persistentes, que vão formar nas cavidades do sólo proximas dos pontos de impacto, as chamadas «bolsas de gазes»; diminue-a, entretanto, no caso de lançamento directo, pois a nebulisação gerada é transformada em vaporização, antes, ás vezes, do líquido, ainda no alto, chegar a exercer a função que lhe é commettida.

A chuva forte é inimiga do emprego de gазes pelos aviões; fraca, prejudica a acção de quasi todos, quando lançados por bombas, diminuindo-lhes pela hydrolyse ou pela desagregação da massa, os efeitos locaes que poderiam produzir; accelera, entretanto, a queda das goticulas do líquido nocivo, quando lançado directamente, distribue-as melhor á superficie do sólo, impede, pelo humedecimento deste, que elles sejam por elle embebidas e retarda a evaporação, augmentando portanto a persistencia do gaz.

FINS CONSEGUIDOS COM O LANÇAMENTO DE GAZES POR AVIÕES

Com bombas se consegue melhor:

a) a surpresa sobre o inimigo, de noite mesmo de dia, quando ha nuvens pouco elevadas, mas extensas, causando-lhe numerosas baixas, antes que elle tenha tempo de lançar mão de suas mascaras e abatendo-lhe fortemente o moral;

b) a neutralisação da artilharia inimiga obrigando-a a se conservar em serviço com a mascara afixelada ao rosto, o que estafa os serventes, deprime o moral e o physico de todo o pessoal das baterias e multiplica assustadoramente as baixas, resultando em pouco tempo a sua completa inação;

c) a infecção de zonas que não devem continuar ou vir a ser aproveitadas por observadores inimigos, obrigando os indesejaveis a não teimarem em nelas permanecer ou dellas se approximar.

Com o lançamento directo se consegue melhor que de qualquer outra maneira a interdição: é a perfeição no modo de se bloquearem areas extensas, de se formarem a vontade, flancos defensivos artificiaes, de se fecharem estradas e zonas inteiras ao inimigo, de barrar, de impedir ou retardar o avanço de reforços, etc. etc.

* *

E terminamos aqui, com a conclusão inteligente a que chegou sobre o assumpto um coronel de engenheiros do Exercito Hespanhol: «A aviação aliada á chimica, quasi se basta a si mesma, restando ás demais armas a consolidação do exito, pela ocupação do terreno».

ALVARO DE B. CARVALHO

Tte. Col. Professor

DEFESA E ATAQUE DAS LOCALIDADES (COMBATES DE RUAS)

As localidades, do mesmo modo que os bosques, foram utilizadas no decorrer da guerra, conforme sua importancia, como pontos de apoio ou centros de resistencia.

Sua organisação defensiva comprehende:

1.º) A organisação defensiva da orla exterior, avançada o mais possivel, afim de subtrahir os defensores aos tiros de destruição dirigidos sobre a localidade;

2.º) a organisação defensiva das saídas

da localidade, afim de impedir a entrada aos assaltantes e permitir o jogo das reservas;

3.º) enfim, organisações interiores das ruas, praças, corredores, edificações isoladas, afim de disputar o terreno palmo a palmo.

Os pontos organizados são de preferencia as edificações solidas, que se flanqueem reciprocamente e commandem os pontos de passagem obrigatorios para o assaltante. Os po-

rões dessas edificações são reforçados, afim de servirem de abrigo ás suas pequenas guarrições.

As ruas que não puderem ser batidas por fogos efficazes são tornadas impraticaveis empregando-se fios de ferro, obstaculos, barricadas, etc; emfim, as edificações ocupadas são ligadas entre si, quando fôr possível, por communicações subterrâneas ou por passagens abertas através das casas e muros.

A defesa das orlas e saídas das localidades está sujeita, naturalmente, ás condições habituaes das organisações defensivas (flanqueamentos reciprocos, planos de fogos, abrigos, communicações, etc.).

Evidentemente, o ataque de uma localidade deve modelar-se nos processos de defesa; assim sendo, para evitar o engajamento de um combate de rua sempre lento, difícil e custoso, o ataque á uma localidade deve ser feito por cerco, de tal forma que, uma vez cercada, ella seja sómente objecto d'uma limpeza, como no caso de uma posição organisada. Penetra-se na localidade pelas partes da orla que estiverem menos defendidas, pelas saídas livres de defensores ou onde haja menor resistencia, e por muitos pontos de uma só vez.

Em consequencia, organisam-se, de antemão, grupos destinados á limpeza do inimigo. Esses grupos não serão outra cousa senão grupos de combates communs largamente providos de granadas de mão e de fuzil. Em certos casos juntar-se-ão soldados de engenharia para lançar petardos de melinite, utilizando, além disso, quer os petrechos de acompanhamento, quer artilharia de acompanhamento immediato, afim de tomar á sua conta os nucleos de resistencia mais importantes e solidamente armados.

A arma ideal para este genero de combate é certamente o carro de assalto, armado de metralhadora ou canhão 37, e combatendo por secção ou meia secção, com o apoio dos homens encarregados da limpeza.

O processo empregado nos combates de rua será baseado nos seguintes principios :

1.^º Reconhecer os orgãos de defesa interior;

2.^º evitar expôr-se ao fogo dos defensores;

3.^º conduzir um poderoso petrecho de fogo ou pelo menos armas automaticas, que tomem a si os elemento de fogo dos defensores (carros de assalto, si possível);

4.^º abrir communicações através ás casas que permittam approximar dos nucleos de resistencia;

5.^º por essas aberturas, cobrir os defensores de granadas ou petardos de melinite, ou ainda melhor de granadas asphyxiantes.

A limpeza é effectuada, assim, pouco a pouco, desde a orla até o centro da localidade, partindo de 2 ou 3 pontos de penetração e, em cada direcção sobre um objectivo bem preciso.

Mesmo no caso de uma localidade já muito damnificada pelos tiros de canhão, é preciso operar com prudencia e precaução; todo abrigo ou porão deve ser reconhecido e limpo de inimigos, se estiver occupado.

Em principio, essas operaçoes são realizadas por unidades constituidas (pelotões ou mesmo companhias). Haverá toda vantagem, no caso de uma operação prevista de antemão e respeitando a composição organica dos grupos de combate, em proceder a uma melhor repartição dos papeis de cada um no ambito do G. C.

Assim, cabendo o primeiro papel ao combate á granada, é conveniente e util dispôr de muitos granadeiros com granadas do mao, os quaes serão remuniciados pelos municiadores do F. M.

O F. M. ficará, então, com 1 atirador e 1 municiador; a esquadra de volteadores reduzida a 2 ou 3 homens, que servirão de esclarecedores, encarregados de atirar contra as janellas uas quaes possam apparecer defensores. O restante do efectivo do grupo será organisado em granadeiros e municiadores de granadas.

E' util no pelotão reunir os 4 lançadores de granadas de fuzil, para empregal-os como uma pequena bateria.

O capitão reparte as zonas de limpeza aos seus pelotões; cada commandante de pelotão indica, por sua vez, os objectivos a attingir por seus grupos de combate, guardando 1 ou 2 em reserva (conforme os objectivos a limpar) e, velando ao mesmo tempo, pelo reabastecimento a ser feito pela retaguarda e para a frente. Si o objectivo (edificação organisada, nucleo de resistencia qualquer) pôde ser batido pelo fogo, elle colloca em bateria 1 ou muitos F. M. (1 atirador, 1 municiador, o cabo), como tambem a bateria do V. B., caso julgue conveniente constitui-la.

Sempre que o objectivo não possa ser efficazmente batido, o combate começa por uma approximação, até ser attingida uma posição que permitta o tiro efficaz,

Cada grupo de combate progredindo por um itinerario determinado, dirige-se a seu objectivo da maneira seguinte:

2 granadeiros de mão na testa, cobertos por 1 volteador com a baioneta calada, comandados e dirigidos por um destes ou pelo cabo da 2.^a esquadra, e acompanhados, ao alcance da voz, pelo commandante do grupo. A alguns passos atras, seguem os municiadores com seus bornaes de granadas e, ainda mais afastados, conduzidos pelo cabo da 1.^a esquadra, os outros homens do grupo, tendo em sua frente volteadores capazes de substituir os lançadores de granadas que marcham na testa, e por ultimo o V. B. si elle não foi ainda empregado noutro lugar.

Este ultimo grupo assim organizado estará prompto a substituir o grupo testa, (o cabo da 2.^a ou outro chefe qualquer, os 2 lançadores e o volteador-baioneta), desde que elle mostre signaes de fadiga ou tenha sofrido perdas.

As disposições tomadas devem evitar o embolamento. Cada homem guarda silencio absoluto, sempre attento aos ruidos e aos movimentos da frente, a vista fixada nos menores gestos do commandante do grupo.

Si a ligação é realizada á vista com o F. M., o movimento faz-se sob a protecção de seus fogos sobretudo si o fuzil pode atirar de uma janella; no caso contrario, progride-se passo a passo, de casa em casa, até que o fogo inimigo impeça todo o movimento na rua. E' preciso, então, abrir passagens interiores, a menos que ainda seja possivel obter uma bôa combinação do fogo do F. M. e

V. B. com o movimento dos granadeiros. O volteador que precede os lançadores aproveitará todas as occasões para fazer um lance de alguns metros, de porta em porta, de esquina em esquina, de barricada em barricada.

O pessoal restante, activado por seu chefe segue a progressão. Os volteadores vigiam as janellas e todas as aberturas elevadas tomando tambem o cuidado de observar para a retaguarda.

Emfim, quando está bem proximo o objectivo fixado, ao alcance da granada, (25 ou 30^m.), o commandante do grupo observa o tiro de seus granadeiros, fazendo-o rectificar se for preciso.

E' o conjunto dos combates parciais executados por cada grupo que permite geralmente, attingir o fim determinado a tal ou qual pelotão.

O commandante do pelotão coordenará a accão de seus grupos e servir-se-á da reserva que tenha constituido para substituir um grupo exgotado, ou para agir com ella aproveitando uma occasião favorável, apparecida de momento. Elle terá sempre o cuidado de velar pelo renunciamento.

Uma localidade assim conquistada e limpa de inimigos, não deve ser ocupada imediatamente si possuir abrigos fortes e seguros. Caso isso não se dê, será conveniente sahir della o mais cedo possível, desde que a limpeza tenha terminado, e para bem longe afim de escapar aos tiros em represalia do inimigo.

TEN. CEL. BARRAND

O effectivismo corrosivo

Quando, levados através de um concurso estabelecido pelo clarividente patriotismo de S. Ex. o marechal Bento Ribeiro, penetraram na Escola Militar os instructores denominados «missão indígena», sentiram-se elles largamente satisfeitos pelas provas inequivocas dadas pelos alunos, do interesse que lhes ia nas almas juvenis, pela real efficiencia militar do exercito, pelo trabalho honesto, silencioso e nobilitante de preparar soldados para a Patria.

O anno, que se seguiu, foi cheio de esforços, dos instructores e dos alumnos, buscando todos com pertinacia a colimação do mesmo fim — o aperfeiçoamento do exercito.

No segundo anno ainda correu melhor a coisa — os alumnos tiveram mais tempo para a aprendizagem, e os instructores puderm, pela maior prática, reparar os senões do anterior.

Continuava de parte a parte o mesmo esforço

dignificante, a mesma alegria na marcha para o ideal commun.

Quem via os «cadetes» trabalhar com afinco, sem relutancias, submergindo na sua vontade a inercia de alguns recalcitrantes da preguiça, (que sempre existem em toda parte) sentia-se cheio de alegria, expandia a alma num desafogo de esperança, acreditando que, logo que os exames abrissem as represas que os continham, iria, toda esta onda de juventude, innundar de trabalho e de virtude cívica, as velhas casernas onde até então imperaram a indolencia de mãos dadas com a ignorancia e a prepotencia.

Esperava-os, é certo, a medonha, a terrivel, a execranda «resistencia do meio»; a qual na generalidade dos casos, seria passiva. Elles foram disto avisados, foi lhes dito que não abandonassem seus ideaes por causa de insuccessos pessoais, injusticas ou ingratidões, mostrou-se-lhes o exemplo de um

grande varão que luctava e luta entre nós, sem se importar com os dissabores que tem sofrido a sua grande alma spartana de soldado; pedio-se-lhes encarecidamente que seguissem este bello exemplo e que reforçassem as fileiras dos que têm *amor ao dever*, e que têm sido os secundadores daquelle vulto masculino na obra de — *fazer exercito*.

Vibravam os corações patriotas neste vehemente anhelo, sem se lembrarem da força da «tradição» da rotina esmagadora e do sorriso alvar com que os esperava o «effectivista terciário», prompto a saltar-lhes ás gueias para estrangular aos poucos o fogo sagrado em que ardiam os rapazes.

Mas o «effectivista» é «ave»; romper bruscamente sobre os moços seria assanhá-los os pendores de luta, cimentar-lhes a união, e, talvez lá se fosse o «effectivismo» de «pernas para o ar»; não... o «effectivista» de 3.^a phase (nocividade) é habil, é psychologo... elle é um soldadícola de primeira ordem, mata aos poucos, devagar, procura primeiro infiltrar-se, finge transigir, finge admirar, mas espalha de mansinho o seu corrosivo; vae se apoderando aos poucos do joven oficial até fazel-o entrar por sua vez na 1.^a phase do «effectivismo»... feito o que, medrará a planta em folhudos ramos.

Estudemos esta torpeza, este trabalho nefasto contra a integridade da Patria e a efficiencia do exercito; mas, estudemol-o ao vivo, cruentamente, com a coragem de um cirurgião; — um caso real, vivido, presenciado e que servirá de paradigma, para se afferir de muitos outros, que deve haver semelhantes por estes vastos «Brazis».

Chegada a turma de aspirantes ou 2.^{os} tenentes, o «baronete», geralmente capitão ou major, os espera com um sorriso enigmático em que vae toda sua perfídia... indica-lhes uma pensão ou manda preparar-lhes aposentos no quartel, envia-lhes o caminhão para trazer as bagagens — o «effectivista» é amavel — está preparando o terreno...

No dia seguinte pergunta-lhes, obsequioso, se «gostaram da terra?...», acrescentando «naturalmente os senhores que vieram do Rio... mas, o povo é muito muito bom e o regimento... oh! o regimento!... vive-se aqui muito em harmonia!...»⁽²⁾ ha muita camaradagem!...⁽³⁾

Os moços, na sua natural expansibilidade, tagarelam a valer; cheios de entusiasmo deitam conhecimentos, causa naturalissima e até mesmo de corrente da nobre ancia em que estão de estréar-se em seus papeis de officiaes.

O effectivista os escuta e sorri beatificamente, hypocritamente.

Quando, na palestra calha o assunto em alguma coisa que o effectivista não ignora, geralmente banalidades ao alcance de qualquer sargento⁽⁴⁾, deita seu sabersinho e logra a atenção dos jovens; e então, engatilhando o «sólo», puxa a conversa manhosamente, geitosamente para a celebre «Ignacia» e ahi discorre superiormente sobre «consolidação» (a qual, as mais das vezes conhece apenas por ouvir fallar o 1.^o sargento), pernoites, invernadas, balancetes, minutias, dispensas de revista, etc.... ficando elle proprio admirado, como possua tanto saber dentro de suas enxundias, e goza superiormente o deleite maximo de haver embasbacado aos rapazes...

Analysemos agora a coisa pelo lado dos aspirantes.

Sahidos, que são, das escolas ao lado das esplendidas intensões vae uma desculpável vaidade⁽⁵⁾ que faz a priori, julgar «uns cretinos» todos os officiaes mais velhos.

O effectivista sabe disto perfeitamente, e dali o seu sorrisinho dubio, e a conversa com que embasbacava aos moços... nim dos quaes, mais ingenuo, diz a outro: «F. você sabe?... este capitão toma... elle sabe que o escalonamento é da direita quando não se designa o flanco... e além disto é um bichão⁽⁶⁾ na administração».

Está dado mais um passo... nos moços, é sempre facil desmanchar as prevenções justas.

Outro dia o tal capitão ou major, batendo nas costas do aspirante sahe-se com uma dese gosto: «ora! vamos deixar desta bobagem de senhoria, nós somos collegas e portanto é tú p'ra lá, tú p'ra cá».

A mim, me parece que isto devia repugnar ao menos graduado⁽⁸⁾, mas na maioria dos casos é uma coisa muito ao sabor do nosso povo, patente-se intimidade com os superiores; e o pobre do aspirante cahe na armadilha e ainda se mostra gratissimo ao effectivista que o «distingue de forma tão captivante»⁽⁹⁾.

Passados alguns dias, e ás vezes até de chegada, lá vae um pobre tenentesinho ou aspirante comandar uma bateria.

E' claro que em tal situação fica «cheio de dedos», mas lá está a providencia, supremo bem, manancial de felicidade — o effectivista maldito — que corre a lhe ensinar a commandar, ou antes a descommandar; isto é, que a par de alguns papeis soffrivelmente certos, vae lhe ministrando toda arte de burlar os regulamentos, de mentir descaradamente, averbando no livro competente coisas que se não fizeram mas que servirão para deixar boquiabertas as autoridades que inspecionam⁽⁷⁾ sómente pelos livros.

Começou ahi o papel corruptor, que se desenvolve a seguir, tempo em fóra, até transformar em um fardo para o exercito, um elemento que poderia dar um bello official.

Começa o anno de instrução — atiram-se os estréantes, com grande ardor, aos recrutas, ás vezes um tanto desordenadamente, porém sempre na mais nobre e louvável das intenções.

Qualquer official digno que, sobre elles, tivesse ascendencia, deveria encorajal-os, applaudir-lhes a conducta, incentivar-lhes os esforços, e simultaneamente, com muito tacto para não desanimalos, com muito geito para não prejudicar o alto juizo que de si mesmo fazem, ir procurando orientalos para um caminho racional, pois os moços são, na maioria, levados a hypertrophiar as partes mais movimentadas da instrução em detrimento das outras mais fastidiosas.

Enquanto isto, o effectivista, que já tem camaradagem — sorri, goza as discussões accesas que por uma interpretação de regulamento, são succintadas entre os rapazes, e, por fim sahe-se com a phrase: «eu quando era rapaz, pensava assim... agora vejo que tudo isto é bobagem... mais tarde vocês hão de pensar como eu».

Phrase mentirosa e insidiosa.

Mentirosa — porque no tempo desses senhores nunca se trabalhou; toda a instrução, uma vez por semana, e isto mesmo dada pelos sargentos, se cifrava em «exercicio de bater», bate-enxuga

tremendo em que as vezes não se entendiam as doutrinas de dous dos instructores de um mesmo corpo!...

Nestes velhos tempos, felizmente bem extintos, todo o entusiasmo dos officiaes novos se resumia em desandar formidaveis surras de vara de marmelo nos velhos e insubordinados soldados, profissionaes de então; ou para os mais calmos, em desandal-os de xadrez ou gamão nos camaradas menos habeis em tais coisas.

Insidirosa — porque distilla devagar o desanimo e a descrença na alma dos fracos; *insidirosa* — porque procura tornar ridicula (10) uma qualidade nobre, afim de atrair a grey nefasta, os pobres rapazes que, por um acanhamento sem razão, por um medo futil a um ridículo que não existe, vão cahindo na preguiça, afim de não parecerem *re-crutas*, e para se mostrarem *antigos* que já sabem o que é a vida...

Sabei pois, meus talentosos e jovens camaradas, que é esta justamente a phase em que o grotesco se apegá a vossas pessoas.

Haveis de convir que é jograesco e triste: fazeedes de velhos... quando sois moços!!!!... fazeedes de *relaxados*... quando em vosso íntimo se queima constantemente a pyra do civismo!!!!... representardes de cansados... quando apenas tendes 4 ou 5 annos de praça!!!!; de desanimados quando a carreira vos tem sorrido com um posto por anno!!!!; de ignorantes, quando sabeis bastante!!!!... e tudo isto para que ???!!!

Para serdes agradaveis a um effectivista, brutalizado de casernismo antiquado e de praxismo bronco e emperrado.

Convenhamos meus bons amigos, que é descerdes de vosso esplendido valor, da magnifica esperança em que vos tinham certos homens que nos deram exemplos de vontade e de lucta...

Comprehendei que é trahirdes aos soberanos direitos que a Pátria tem de vós; que é fugirdes ao vosso dever e que enfim, é caminhardes a largos passos, para em dias futuros virdes substituir estes *manipanços de tarimba* na sua negregada obra de dissolução do exercito, de embrutecimento dos moços, de entrave dos esforçados e, *ipso-facto*, de collaboradores de situações bem deploraveis a que são commumente arrastados os povos desarmados ou imprevidentes.

Continuemos a analysar o effectivista.

Elle vos explora, meus jovens amigos, e vos explora vergonhosamente, covardemente.

Se algum superior ou camarada, dos que não se deixam montar, o incommoda no corpo, não tem o effectivista a coragem precisa para abrir lucta com elle... não, absolutamente não...

Para que fazel-o?!!!! arriscar-se a um desforço pessoal ou perder pelos tramites legaes.

Não, o effectivista é habil, elle deve triunfar sempre, ainda mesmo que seja preciso para isto, bajular vergonhosamente um commandante que poucos dias antes o haja cruelmente insultado; o effectivista o que quer é triunfar, meus amigos, as mais das vezes contra quem o unico aggravo que lhe fez é não ser tão ignorante como elle; e vós então, sois escolhidos como instrumentos. Si houver triunfo de vossa parte — muito bem — o effectivista atingio seu fim; si porém fôrdes vencidos e a

autoridade superior dér o castigo merecido, o effectivista estará de fóra, nada lhe acontecerá e vós meus bons amigos, sofrereis sosinhos as consequencias, enquanto que elle — a alma, a cabeça ficará livre porque teve a diabolica prudencia de nas suas conversinhas, entre dous goles de chopp ou entre duas anedotas picantes, vos inocula qualquer coisa contra aquelle a quem elle quer esmagar.

E assim elle consegue irritar o vosso temperamento impulsivo de moços inexperientes, e, dando collorações especiaes a certos factos, vos lança numa lucta de todos contra um, em que a deslealdade e a mentira são as armas e o escopo o amiquillamento do valor militar e do trabalho.

E assim, ao par das lições de preguiça elle vos ministra, meus camaradas, um verdadeiro curso de abastardamento moral.

Para concluir, permitti meus amigos, que eu appelle para os generosos sentimentos de vossa mocidade em flôr, da vossa intelligencia finamente trabalhada e vos peça um olhar para a historia de todos os povos, de todas as épocas.

Em nenhum de vós pôde dormir a crença estulta que os *sabedores de muitas coisas* pregam, de que «na occasião opportuna o povo saberá cumprir o seu dever».

Todos vós sabeis que, desde a mais remota antiguidade, têm sido as massas indisciplinadas reduzidas a nada por um numero diminuto de soldados (11).

E vós sabeis, tanto quanto eu, que nos corpos em que ha «dono» a instrucção ou é um *mytho* ou se reduz a *toleimas e superfactações* destinadas a fogos de artificios para embahir os generaes, que inspecionam.

Covenhamos que é um crime deixar sem instrucção militar, homens que a Patria arrancou a seus lares, a seus interesses, ás vezes de sustentaculos de pobres e desvalidas famílias, para trazel-los aos quartéis afim de fazel-los soldados para os tristes dias de um futuro que pôde ser longínquo, e que tambem poderá ser amanhã. Repitamos que é um crime — traição contra a Patria, não instruirl-los; — iniquidade contra elles, fazel-los perder um anno de sua vida para aprender «meia volta», «canção d'artilharia», «responder revista» e... estragar o estomago com a «boia».

Lembrai-vos que, quando chegarem os horribles dias de guerra, não será sómente a casta negra dos effectivistas que irá morrer; seremos nós e principalmente nós, que temos amor á nossa profissão, que conhecemos o dever e nos esforçamos em cumpril-o.

Leimbrae-vos que, nos campos ensanguentados das batalhas, se pagam os erros da paz e da preguiça; e que cada vida ceifada a nossos soldados, ignorantes do seu mistér e conduzidos por mãos inhabeis, é o preço com que o inimigo paga um bocejo de um subalterno, um cochilo de um capitão ouma tolice de qualquer posto perpetradas a sombra da paz.

Lembrai-vos de que este sangue inocente está em nossas mãos e que se não cumprirdes o vosso dever durante a paz, sereis os responsaveis das ca-

tastrophes de amanhã, em grão tanto maior quanto mais alto o posto que tiverdes na hierarchia militar.

Lembrae-vos que, trabalhando com afinco e desvelo agora, poupareis muita dor de orphandade, muita lagrima de viuez e muita humilhação para o Brasil.

Perdoae, meus bons amigos, esta perlenga, filha do muito affecto que vos tenho e da verdadeira dor que me cruxa quando alguém, dando-me notícias de um de vós, dos que eu mais admirava, me diz serdes um descrente — um parasita — no meu ver um effectivista de 1.^a ou 2.^a phase.

Perdoae..., mas trabalhae eu vol-o peço encarecidamente.

NOTAS — 1.º Vide «Interinismos» ou effectivismo n^o «A Defesa» n.º 117.

2.º — é claro que, quando se submeterem inteiramente à vontade do tutti effectivista.

3.º — absolutamente verdadeira a asserção, contanto que se

faz abstração da sua personalidade, e se enverede por um emaranhado de vilanias — «asinus, asinu fies!»

4.º — por exemplo «quando se faz pontaria a luneta, é obrigatoria a referencias».

5.º — desculpável por causa da pouca idade e inexperiencia.

6.º — futuramente se desvanecerá esta opinião, logo que os rapazes, se achem inteirados das coisas absolutamente simples que o papão Iles disse com attitudes magistras de conferencista da Sorbonne ou com arranques de Camelot da rua do Ouvidor.

7.º — O contrario acontece com os injustos.

8.º — Tratar por tal forma o seu superior.

9.º — Uma especie de amistosa coleira ericada de pregos e que servirá aos fins do effectivista, quando elle açular o moço contra algum desafecto seu.

10.º — O effectivista não quer aprender, mas tambem não admite que alguém seja mais competente que elle; dahi a sua afiliação pelos superiores que conseguiram atingir o apice da ignorancia e o cume do desmazello.

11.º — Ex. — Retirada dos 10.000 — batalha Maratona — Imposição da vontade Macedonia — Predominancia dos Romanos — A energia da grandiosa vontade Corsa dominando a Europa, etc. — tudo isto como fruto da preparação militar.

LUIZ A. CORREIA LIMA
Capitão

PALESTRAS TECHNICAS

LIGAÇÕES E TRANSMISSÕES

(CONTINUAÇÃO)

Do ponto de vista informações, segue-se a Observação

Ella divide-se em terrestre e aerea; a primeira feita pelos observatorios de todas as classes, e a segunda pelos balões e aviões.

A observação terrestre tem por fim a vigilância horizontal do campo de batalha, o reconhecimento e estudo dos objectivos e, particularmente para a artilharia, a regulação e verificação dos tiros.

Os observatorios são locados nas partes do terreno, em que a vista possa abraçar a maior extensão possível, e sua importância está de acordo com o valor e as necessidades da unidade a que serve.

No ambito da Divisão é grande o numero de observatorios de toda especie.

Nas pequenas unidades elles ficam como que superpostos aos P. C. e sua escolha e locação precede á do Posto de commando; porque, si a observação é essencial ao chefe pela sua falta elle ficaria reduzido a comandar de um modo insufficiente, como um cego guiado por mão amiga, limitando-se a ficar abrigado no refugio do P. C.

A necessidade do observatorio extende-se por isso das pequenas ás grandes unidades;

é um complemento indispensavel do comando.

Os P. O. classificam-se em :
Observatorios de commando;
Observatorios de infantaria;
Observatorios de artilharia.

Todos trabalham em proveito de suas unidades e da 2.^a Secção do E. M da Divisão, que é o organo coordenador das informações.

Para escolher um bom observatorio, é preciso prática e conhecimento das modificações de aspecto devidas á perspectiva. Elles devem ser collocados de modo que a observação seja completada sobre todas as partes do terreno, repartidos, por isso, em uma verdadeira rede continua, que cobre toda a região. As vistas frontaes, isto é, perpendiculares á frente, serão completadas pelas lateraes. Indo um pouco mais além, os P. O. das unidades vizinhas devem também trabalhar em proveito das que as flanqueiam ou se acham enquadradadas.

Por ahi se vê a importância dos pontos de vista dos observatorios de varias especies, desde á Companhia até á Divisão.

A camaradagem de combate tem nesse caso toda applicação.

Na locação de um observatorio deve-se ainda ter sempre em vista serem elles objectivos procurados pelo inimigo, que fará o possivel para destruir os ou cegar os; portanto, será preciso disfarçal os cuidadosamente e não os locar sobre pontos destacados do terreno, e sim, de preferencia, em pontos baixos, que satisfaçam, porém, ás condições exigidas. Se isso não fôr possivel, serão construidos, á retaguarda e nas proximidades, refugios seguros nos quais o pessoal e material encontrarão abrigo durante o bombardeio.

Uma medida, que se impõe, é a interdição da circulação em torno dos observatorios, para não atrair a atenção do inimigo; extendendo-a aos visitantes de qualquer hierarchia. Outrosim, devem ser cuidadosamente disfarçados os caminhos que conduzem ao Posto.

Convém, também, como medida essencial, não acumular varios observatorios em uma mesma zona restricta, permittindo ao inimigo tomar os sob um mesmo fogo. No caso de ser o unico recurso, pela falta de pontos dominantes, espaçal os no minimo de 200 m.

Cada commandante deve ter o seu P. O. que lhe permitta, tanto quanto possivel, acompanhar o combate na zona de acção de sua unidade. Por exemplo: o de um grupo de artilharia deve permittir a observação de toda a zona atribuida ao grupo; o da A. D., observar o sector ou zona da divisão.

Dahi se conclue que cada chefe deve ter um observatorio, donde veja o conjunto de sua zona de acção, e tambem que, quanto menor fôr a unidade, tanto mais restricto será o campo de seu P. O. e maior a minuciosidade da observação.

Com effeito, o observatorio de um R. I. terá vistas mais extensas que o de uma companhia; mas, este ultimo, num campo mais restricto, poderá perceber todos os pequenos detalhes que escapam áquelle.

Para que a observação seja apaixonada e constante, deve-se distribuir o pessoal de modo a assegurar a permanencia das vistas no tempo e no espaço.

No combate quasi nada se percebe do lado adversario: a vista não é attrahida por nenhum ponto preciso; só o reboar do canhão e o sibilar das balas fazem crer que elle está em nossa frente, mas nem suas baterias nem seus soldados são percebidos, desenfiados pelo terreno e pelos accidentes. Raramente

se levanta uma nuvem de fumaça ou poeira, rapidamente dissipada e surgem furtivamente alguns homens ou viaturas espaçadas; uma nuvem de poeira indica um auto que passa.

E' a sensação do vazio, que enerva. Por isso, para vêr alguma coisa, é necessario fazer uma observação apaixonada, exigindo dos seus executantes qualidades especiaes adquiridas por constantes exercícios. Não se improvisam observadores.

No combate offensivo a missão dos observatorios consiste em seguir a marcha do combate (movimentos das tropas amigas e inimigas, actividade das suas artilharias), em observar os signaes feitos pelos elementos avançados e conforme o determinado na ordem, transmittil os ou repetil os.

Quando se trata de posições organisadas para a defesa, a observação pode ser feita com todo methodo no Sector da Divisão, de modo a completar e verificar a observação aerea, que, por mais perfeita, é sempre intermitente.

Organisa-se, então, o Plano de observação, que faz conhecer os observatorios de comando e da artilharia.

Esse plano comprehende:

1.º — A carta de conjunto dos observatorios e as zonas vistas por cada um;

2.º — Um panorama tirado de cada P. O.;

3.º — Um esquema das ligações telephonicas entre os P. O. e os P. C.

4.º — As condições de funcionamento do Serviço de observação (observatorios ocupados permanente ou temporariamente, pessoal, determinações especiaes a certos observatorios, auxilio prestado pelos observatorios da artilharia ao de commando, transmissão das informações, etc.).

Em cada observatorio encontra-se:

a) Uma nota de serviço especial (pessoal, distribuição dos quartos, sector a vigiar, transmissão, pontos sobre os quais é necessário vigiar mais particularmente, medidas de prudencia a fazer observar pelos visitantes, etc.);

b) uma caderneta destinada á inscrição immediata das observações feitas;

c) carta, posta em dia, na escala de 1/20.000;

d) carta das partes vistas do P. O., na escala de 1/10.000, e um panorama;

e) material para observação (binóculos, lunetas, etc.)

Todos os observadores devem ter prática de leitura de cartas e panoramas, de explorar o terreno methodicamente, e exprimir suas observações de um modo completo e preciso.

As observações, no âmbito Regimento, são coordenadas pelo official de informações, pondo em dia o plano director do P. C., na escala de 1/10.000, ou mesmo 1/5.000.

As informações novas são enviadas ao chefe da 2.ª Secção da Divisão,

Em principio, todas as informações são remetidas, mesmo aquellas que não pareçam ter utilidade, porquanto podem fornecer indicações preciosas em comparação com as outras.

(continua)

Major PAES DE ANDRADE

POLICIA MILITAR

Vae para 115 annos que surgiu nesta cidade a primeira polícia militar regularmente organizada. Idealisou-a D. João VI, quando aqui aportou com sua corte, acossado pelas hostes napoleonicas ao mando de Junot. O então príncipe regente impressionado com a exquisita exhibição dos anachronicos quadrilheiros, incumbidos do policiamento da então mirrada Sebastianopolis, determinou a fundação de um corpo policial, semelhante ao que deixara na metropole, o qual deveria receber, como recebeu, a denominação de «Divisão Militar da Guarda Real de Policia». Para commandal-a foi nomeado o coronel de linha José Maria Rebello, a quem o major Miguel Nunes Vidigal auxiliou efficazmente, como seu imediato.

Diz o decreto de 13 de maio de 1809: «Sendo de absoluta necessidade prover á segurança e tranqüillidade publica desta cidade, cuja população e tráfico cresce consideravelmente, e augmentará todos os dias pela affluencia dos negócios, inseparável das grandes capitais; e havendo mostrado a experiença, que o estabelecimento de uma Guarda Militar de Policia é o mais proprio não só para aquelle desejado fim da boa ordem e socego publico, mas ainda para obstar ás damnosas especulações de contrabando, que nenhuma providencia, nem as mais rigorosas leis prohibitivas tem podido coibir: sou servido crear uma Divisão Militar da Guarda Real da Policia desta Corte, com a possivel semelhança daquelle que com tão reconhecidas vantagens estabeleci em Lisbôa, a qual se organizará na conformidade do plano, que com este baixa, assignado pelo Conde de Linhares, do meu Conselho de Estado, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra. O Conselho Supremo Militar o tenha assim entendido e o faça executar na parte que lhe toca. Palacio do Rio de Janeiro, em 13 de Maio de 1809. Com a rubrica do Príncipe Regente Nossa Senhor».

A composição dessa guarda era assim determinada: Estado Maior — 1 commandante com a patente de sargento-mór; 1 ajudante com a graduação de capitão, que deve servir de 2.º commandante, 1 furriel-mór para servir de quartel-mestre, com a graduação de 1.º sargento; 1 sargento de brigada para servir de secretario; e 1 ajudante de cirurgia. Cada companhia de infantaria devia possuir: 1 tenente commandante, 1 1.º sargento, 1 2.º sargento, 1 furriel, 4 cabos, 4 anspeçadas, 1 tambor e 40 soldados. E a de cavallaria: 1 alferes commandante 1 1.º sargento, 1 2.º sargento, 1 furriel, 4 cabos, 4 anspeçadas, 1 trombeta, 1 ferrador e 40 soldados.

Como prova evidente, de que já nessa época, procuravam imprimir aos corpos de polícia uma dupla feição, policial-militar, vale a pena transcrever os dois primeiros artigos desse decreto, que são do seguinte teor:

«1. — O Commandante desta Guarda ficará sujeito ao Governador das Armas da Corte, de quem receberá o santo todos os dias, e ao Intendente Geral da Policia para a execução de todas as suas requisições e ordens que, em pessoa, receberá todas as manhãs; sendo obrigado a dar a um e a outro parte de todos os successos e novidades que tiverem acontecido no dia e noite precedentes, além daquelle que deve dirigir ao Ministro de Estado dos Negocios da Guerra, e ao dos Negocios do Brasil, que o é tambem da Fazenda.

2. — Esta Guarda será formada dos melhores soldados escolhidos entre os quatro Regimentos de Infantaria e Cavallaria de linha da guarnição desta Corte, não só pela preferencia da sua robustez indispensavel para as funcções do penoso e aturado serviço a que são destinados, mas ainda pela circunstancia de melhor morigeração e conducta. Os respectivos coronéis, segundo as ordens que receberem do General, farão pois esta exacta e escrupulosa escolha, e designarão assim, segundo a força

actual dos seus corpos, o contingente que tem de dar a formatura desta Guarda, devendo comitudo serem estes soldados conservados no caso e serviço dos Regimentos, até que este Corpo, fornecido do seu armamento e fardamento, possa completar o seu particular serviço».

Do primeiro desses dispositivos se verifica a preocupação de infiltrar na tropa recém-criada a verdadeira e sã disciplina, que é a que saí do seio da caserna, doutrina corroborada no segundo artigo, que dá preferência às praças dos regimentos de linha, da guarnição da Corte.

As companhias criadas deviam alojar-se em pontos diferentes; a de cavalaria, por exemplo, no campo de Sant'Anna, hoje praça da República, junto á igreja de Sant'Anna, mais tarde demolida no local em que está hoje a estação inicial da E. F. C. do Brasil; a primeira de infantaria, no Vallongo, hoje praça Municipal; a segunda na Prainha, hoje rua Acre, no velho edifício mais tarde transformado na cadeia velha do Aljube; a terceira no campo da Ajuda, nas proximidades do actual Passeio Público. Incumbiu-se a Intendencia Geral da Policia da aquisição, por arrendamento, dos predios necessários a essa instalação, e estes, como é facil imaginar, eram velhos pardieiros sem as condições higiênicas indispensáveis ao fim a que se destinavam.

Os seus officiaes — dizia o art. 8.^o — «assistiriam o mais perto que ser pudesse, nos alojamentos de suas companhias; para manter nestas a disciplina e boa ordem que convinha, particularmente os de cavalaria, que deviam vigiar miudadamente no trato e sustento dos cavalos, em que a menor negligencia devia ser asperamente castigada; e 1 official inferior assistiria sempre ao serviço de cavalaria, por cuja ordem era responsável, tanto de dia como de noite».

A arma de cavalaria, nesse tempo, merecia cuidados especiais. Os seus vencimentos eram menos exigentes, attendendo certamente ao accrescimo de deveres do cavallariano para com o animal que monta, hábito que desapareceu com o decorrer dos tempos. O soldado de infantaria percebia 80 réis diários e o de cavalaria 100 réis. Providenciava ainda o minuscule regulamento, então expedido, sobre alimentação, uniformes, revistas diárias, guardas e patrulhas, bem como, sobre o modo de agir nos casos de incêndio, desordem, contrabando, etc., etc.

Do seu artigo 16.^o, se vislumbra o hábito anterior da intervenção dos corpos milicianos e de linha, nas desordens e motins, muito em voga principalmente nos centros frequentados pelas capoeiras de mistura com os marujos de várias procedências. Esse artigo está assim concebido: «Ficando por este modo convenientemente acautelada a guarda e vigia da cidade, ficará cessando com este serviço o das rondas, que se exigiam dos corpos milicianos e de

linha, conservando estes, todavia, nos seus quartéis, os piquetes que devem auxiliar a Guarda da Policia, em qualquer occurrence em que se requeira a sua cooperação».

A feição dupla a que venho de referir-me está plenamente consubstanciada no 24.^o e ultimo artigo do decreto de 1809, onde se lê:

«Além das providencias que ficam assim ordenadas, cumpre ao Governador das Armas da Corte e ao Intendente Geral da Policia, segundo o conhecimento que a experientia fôr aconselhando, indicar as modificações ou alterações que convenham, para que este estabelecimento corresponda ao util fim a que se destina».

A Guarda prestou os melhores serviços, não só na manutenção do socego publico, repressão da capoeiragem, etc., como na defesa das autoridades legalmente constituídas. Em 1828, por occasião da revolta dos batalhões mercenários, alemães e irlandeses, já sob o commando de Vidigal, empregou toda a possível energia, para submeter, como submeteu, esses elementos de discordia, que D. Pedro I inadvertidamente contratou para garantia de seu reinado. De modificação em modificação, viveu até 1831, quando foi dissolvida por Feijó, pelo feio crime de haver confraternizado com a tropa e com o povo, por occasião da explosão patriótica que deu lugar á abdicação de 7 de abril. Teve, pois, 22 annos de existência, com dous commandantes apenas, os coronéis José Maria Rebello e Miguel Nunes Vidigal, o famoso Vidigal, tão desfigurado pela lenda.

Do Corpo de Municipaes Permanentes, criado nesse mesmo anno, para suceder á Guarda Militar de Policia, como passou a ser denominada após a independencia, trataremos mais tarde. Veremos que Caxias, a quem coube a tarefa de sua organização, deixou em nosso arquivo legendario, os mais luminosos traços de sua passagem.

Mas convém assinalar que a Policia Militar foi em todos os tempos uma excelente cooperadora do Exercito, mesmo nas occasões mais difíceis da vida nacional. A' testa de seus destinos teve sempre geraes dos mais distintos e alguns bravos guerreiros como Polydoro Jordão, Antonio Sampaio, Machado da Costa, Silva Telles e tantos outros que seria fastidioso enumeral aqui.

Na phase primitiva, isto é, de 1809 a 1831 ella actuou com energia na consolidação dos governos e na repressão do banditismo, forçando os mercenários estrangeiros, que se revoltaram de armas na mão, á completa submissão e obediencia á lei. Como corpo de permanentes (2.^a phase) cooperou com Caxias na pacificação das províncias, recebendo, então (1842), a insigne honra de possuir estandarte, privilegio até então dos corpos de linha. Como corpo policial, foi á guerra do Paraguai, transformado em 31.^o de voluntários, sob o commando de

Machado da Costa, um bravo entre os bravos, que escreveu uma bella pagina de sua historia. Como corpo militar de polícia, contribuiu com sua adhesão para o advento do regimen democratico e ajudou a consolidar a republica, que os demagogos tentavam demolir. Como brigada policial, combateu ao lado de Floriano, até restabelecer a paz na familia brasileira e dar aos governos legalmente constituidos o indispensavel prestigio para o bom exito de suas missões.

E', portanto, uma leal e solicita companheira do Exercito, com quem vive vinculada até nos mais afflictivos transes. Vibra quando elle vibra, soffre quando elle soffre, age quando elle age. Por consequencia não se justifica a ogerisa de muitos pelo nosso gesto inocente de usar uniformes, armas e costumes semelhantes, nem a attitudo de certo articulista d'«O Jornal» de 17 de junho, nivelandos-nos, talvez por ironia, aos conductores de bondes, aos chauffeurs, aos meninos de collegios, aos baleiros, rapidos, estafetas, etc. E' provável que ao autor desse artiguete falte competencia para tratar do assumpto, pois, além de tudo, argumenta com inverdades. Mas o que é facto incontestavel é que tentou ridicularizar uma corporação de quem se exige, com muita justica, solido preparo para a guerra, como força auxiliar immediata do Exercito.

E se esse preparo não corresponde ainda á expectativa dos mais exigentes é porque o exiguo tempo de que dispomos não nos favorece. A criação recente da Escola Profissional, onde pontificam 10 notaveis professores das escolas militares, contribuirá para melhor resultado; alargaremos com certeza a esphera de nossas aptidões guerreiras tarefa que os instructores vindos do Exercito completarão, certamente, com explendido exito. Não é justo, pois, que se implique com o nosso talabarte, porque sem elle não poderíamos cingir a espada.

Essa escola será, no futuro, a nossa escola militar, o laboratorio onde se caldearão os candidatos ao officialato. Com as mais completas noções de portuguez e literatura nacional, arithmetic e algebra, geographia e cosmographia, geometria e trigonometria, francez, historia universal, physica, chimica e historia natural, topographia militar, noções de direito constitucional e instrucção policial, de organização e administração militares, de tactica e jogo da guerra, e de tiro e balistica interna, sahirão della bem seleccionados, os elementos que vão servir de bussola a quantos queiram compartilhar no arduo serviço policial. E ella já vae fructificando...

CAPITÃO ALBINO MONTEIRO
da Policia Militar

Artilharia nos postos avançados

Necessidade

Os P. A. têm missão de resistencia e vigilancia; a artilharia, evidentemente, não pôde cooperar na ultima dessas missões. Em compensação, é um factor importantissimo na missão de resistencia, que possa ser atribuida aos P. A.

Dahi resulta que, estabelecidos estes longe do inimigo, não necessitam de artilharia. E' sabido que, nesse caso, os P. A. são reduzidos ao minimo e a protecção que elles proporcionam ao grosso é essencialmente baseada na informação colhida á distancia, com a cavallaria.

A' pequena distancia do inimigo, já a questão muda de figura; a necessidade de resistir importa sobre a vigilancia (porque esta existe justamente para assegurar a resistencia) e, para a resistencia torna-se indispensavel a cooperação que a artilharia proporciona.

—Cerrando mais a questão, nos P. A. de combate, isto é, quando em contacto com o

inimigo, não pôde haver duvidas de que, no sistema defensivo então criado, seja necessaria a artilharia. Os seus fogos, realmente, constitueem uma parada elementar e a mais immediata ao serviço da infantaria que, pela proximidade do inimigo, está sujeita a golpes de mão da sua parte.

Effectivos

Não se pôde fixar o quantum de artilharia deve ser lançado no serviço de P. A. Antes de mais nada, deve-se pensar que esse serviço é uma protecção proporcionada ás tropas em estacionamento, isto é, em repouso, para restabelecer-se das fadigas da jornada de marcha ou combate que tiveram; e desse beneficio as tropas de artilharia tambem devem participar. Assim sendo, não se pode pensar em empregar a artilharia em todas as direcções em que a tropa se acha protegida; quer estes P. A. se chamem vanguarda, recta-guarda ou flanco-guarda, será previsto o seu

emprego somente nas direcções principaes onde o inimigo seja mais ameaçador.

Todavia, tratando-se de P. A. em fim de combate, toda artilharia será empenhada, porque então, os fogos defensivos organizados não interessam exclusivamente aos P. A. e sim á toda tropa amiga escalonada para a lucta, que pode reaccender de um momento para outro.

Como efectivo minimo de artilharia em cooperação nos P. A., deve-se pensar no grupo que, como é sabido, é a menor unidade da arma capaz de, por si só, realizar uma missão tactica.

Como efectivo maximo, ao menos para os P. A. que não forem de fim de combate, o razoavel para a protecção de uma D. I. será 2 grupos ; com effeito, já o emprego de 3 grupos nesse serviço, isto é, 1 regimento, corresponde á metade da artilharia divisionaria de campanha (75) que se tira ao repouso, merecido á titulo igual ao das demais tropas divisionarias : seria *normalmente* muito forte.

Entretanto, isso nada tem de absoluto ; e, si existem varias direcções igualmente perigosas (na frente, flanco ou rectaguarda) não se terá duvida em lançar em vigilia os grupos que se tornarem necessarios. Do mesmo modo, os P. A. poderão ser fortemente dotados de artilharia si se pensa, no dia seguinte, confiar-lhes uma missão com tal efectivo ; será então estacionar a tropa tendo em vista o seu emprego apôs o repouso.

De um modo geral, e não havendo razões especiaes para reforço ou diminuição, depois de uma marcha de frente, a artilharia dos P. A. será constituida pela propria artilharia da vanguarda.

Posições

Como em um sistema defensivo qualquer, onde é regra geral colocar a artilharia a coberto da linha principal de resistencia, as posições da artilharia em P. A. devem ser escolhidas atraç dos P. Principaes. E como, em geral, o escalonamento dessa protecção, interposta ao inimigo, vai até ás reservas dos P. A., existindo em seguida um vazio, no terreno, de alguns kilometros antes de chegar ao grosso estacionado, convém recuar as posições das baterias o mais possivel, dentro da exigencia de *boa distancia* para o cumprimento da missão lá na frente (6 klm.)

Além disso, sendo os P. A. de pequenos efectivos incapazes de assegurarem uma

protecção sufficiente á artilharia, que com elles coopera, (P. A. de pequenos destacamentos por ex.) não se deve duvidar em colocar o material cá no seio do grosso e a coberto delle, contanto que não haja incompatibilidade de distancias com as missões a cumprir.

Com os P. A. de combate, as posições das baterias, que os apoiam, são as proprias posições donde luctaram, si as circumstancias tacticas não aconselham um novo agrupamento de meios para o proseguimento do combate.

Material

O material mais apropriado á artilharia em P. A. (não se refere aos P. A. de combate) é o de 75, de campanha ou montanha.

Primeiramente, ha para isso uma razão de *mobilidade* : tomado a protecção pelos P. A. em sua phase mais interessante, isto é, durante a noite, é sabido que além dos fogos defensivos que forem organizados pela artilharia, a falta de observação não permite outra manobra de fogos ; e, si a penetração inimiga consegue inutilizar os contra ataques das reservas dos P. A., é evidente que, a partir desse momento, a artilharia nada mais terá que fazer, porque qualquer improvisação será desastrosa ; chega, então, o momento de «*metter armes para a rectaguarda*». Ora, o material de 155 ou 120 não é certamente o mais proprio para taes movimentos em situação critica.

Em seguida, devemos encarar a *economia de munições* : sabemos que os fogos da artilharia durante a noite batem a miúdo *no vazio*, pela impossibilidade de uma observação que os ajuste aos bons lugares ; pensando em taes gastos, convém não desperdiçar os projectis pesados que, sendo relativamente poucos na dotação de uma D. I., viriam a fazer falta em momento mais opportuno ; os projectis de 155 pelo seu peso (perto de 50 kg. com a carga de projecção) são de remuniciamento difficult.

Missões

Antes de mais nada, é preciso ficar bem claro que não se pôde attribuir a uma artilharia de apoio a P. A. toda a gamma de missões de fogos que se encontra no regulamento da arma ; a escassa artilharia empregada nesse mistér não pôde ir além das mis-

sões simples de apoio á infantaria em cujo proveito trabalha.

Seria razoavel fazer com ella a contra bateria, as interdicções longinquas? Mas, que é do avião de vigilancia para assinalar os locaes a bater, ou o de regulação para ajustar os tiros?

Não é possivel attribuir-lhe objectivos, fugitivos, inquietação, e toda a serie de fogos que vão buscar o inimigo lá muito profundamente nas suas linhas, ao mesmo tempo que fogos approximados cá na frente dos nossos proprios escalões, tudo para ser executado com 1 ou 2 pobres grupos de 75.

E' forçoso não se esquecer que, em geral, uma vanguarda que fez alto e que se transforma em P. A. tem atraç de si um grosso muitas vezes com elementos poderosos de artilharia e observação, si se quer tomar no devido apreço todas as manifestações de actividade do inimigo na sua zona de manobra; mas, para isso é preciso saber si as condições tacticas o permitem e, mesmo assim, si vale a pena.

Por exemplo, imaginemos o caso de uma V. G. que faz alto e passa a P. A. depois de ter já cahido a noite. Que poderá fazer sua artilharia?

Nada, absolutamente nada, porque não poderá ajustar seus fogos em parte alguma. O mais acertado será recolhel-a ao grosso, para não a expôr aos contratempos de um ataque no escalão avançado e ahi ficar como espectador sacrificado.

Si o alto se fez ao cahir da tarde, o pouco tempo de luz que lhe resta deve ser aproveitado no reconhecimento do terreno que irá bater e no ajustamento de alguns tiros da defesa que terá de executar á vista. Essa artilharia só funcionará si a linha de vigilancia for forçada e, então, entrará em jogo com suas barragens fixas, nos pontos eleitos pela infantaria amiga, quer em superposição aos fogos dessa, quer em prolongamento, nas zonas por ella batidas. Geralmente estes fogos se localizam nas linhas principaes para o ataque á noite, isto é, linhas bem definidas do terreno (estradas, ravinias, etc.) por onde o inimigo forçosamente terá que se aproximar.

Mas, não se tenha illusões sobre as possibilidades desses fogos: Primeiramente, essas barragens serão lançadas *immediatamente* na frente dos nossos proprios escalões, porque, na escuridão da noite, só o contacto violento do inimigo accusará a sua presença em força e a sua intenção de varar o dispositivo de-

sensivo de nossas tropas; será inutil, então, imaginar barragens defensivas em pontos muito propícios na zona inimiga, onde evidentemente não estamos.

Em seguida, convém não esquecer que um grupo em barragem cobrirá no maximo 500 m. de frente; e o que representa isso como defesa ao longe dos klm. cobertos pelos P. A.? O que se tem a fazer é eleger 3 direcções essenciaes (tres estradas por ex.) para nellas empregar as 3 baterias do grupo de que fallamos, caso o ataque surja em toda a frente. Em seguida escolher uns poucos pontos importantes intermediarios para as barragens possiveis, caso o ataque venha nitidamente orientado em certas partes da frente. Por ahi se vê que o grupo terá como zona normal *todo o sector de cobertura*; tanto quanto o permitta o terreno, as posições de bias, devem responder á essa exigencia.

Além disso é forçoso convir que os tiros da artilharia em P. A. durante a noite são tiros systematicos, realizados sem observação; resulta, então, que não se bate o inimigo e sim o terreno; si, por uma feliz coincidencia, o adversario passa ahi no momento, será o caso de congratulações bem justificadas...

Com esta exposição, mostra-se quanto é complexa esta cousa *simples* para a artilharia dos P. A.: «fogos de deter, sob forma de barragens, imediatamente na frente dos P. A.» Agora, imagine-se si, na mesma occasião, o já tão ocupado grupo terá tempo de bater uma ponte que deve estar sendo atravessada, uma estrada onde a circulação será naquella hora muito intensa, umas baterias que não se cansam de nos hostilizar com seus projectis, etc...

Não; tal artilharia só poderá ser empregada naqueles pontos approximados, escolhidos não ao acaso, e sim mediante entendimento com os commandantes de infantaria que, afinal, são os mais responsaveis pela posse do terreno que occupam.

Podem ser previstas accões de artilharia nos contra ataques ordenados pelo commandante dos P. A., entrando em jogo com as suas reservas para a retomada dos pontos de apoio da linha de resistencia, isto é, dos P. P. Como esses P. P. se localisam em zonas bem distintas do terreno (mamelões, garupas, etc.), uma vez perdidos, e com boas cartas, ou mesmo pelo transporte do tiro preparado ainda durante o dia, é possivel uma concentração de todo o grupo sobre o accidente do terreno a reconquistar, seguida imediatamente do avanço das tropas de

choque. Todavia, as condições da intervenção da artilharia nesses contra-ataques á noite devem ser bem definidas, porque a natural confusão reinaente no momento poderá trazer graves consequências ás tropas amigas.

Si os P. A. são estabelecidos ainda no correr do dia, então, além desses fogos de defesa approximada pôde-se pensar em estender os fogos mais profundamente na zona inimiga, com inquietação ou interdição em pontos provaveis por onde elle fará sua marcha de approximação. Aliás, neste caso o grosso, que estaciona, não ficará indiferente á approximação adversa, e é bem provavel que a acção exclusiva da artilharia dos P. A. seja por pouco tempo, pois é natural que sejam constituidos novos agrupamentos de combate com as artilharias que deixam a situação de repouso.

Ligações

O serviço de P. A., no que respeita á infantaria, pôde ás vezes dispensar as ligações

telephonicas; mas, na artilharia não se pôde conceder tal dispensa; a razão é que a rede telephonica na artilharia é indispensavel ao tiro, que é o seu unico meio de accão.

Pôde-se mesmo dizer que o primeiro tiro não partirá enquanto não estiver estendido o fio telephonico para o observatorio de regulação, salvo naturalmente o caso em que esse observatorio se ache proximo ás posições das peças.

No que respeita ás ligações com a infantaria, é regra absoluta a juxtaposição do P. C. da artilharia ao do Cmt. dos P. A.

Além disso, é essencial que o foguete de barragem seja lançado em locaes bem reconhecidos durante o dia pelos artilheiros, que organizaram balizamentos precisos para os «vigias» durante a noite; as diferentes direcções donde podem ser lançados esses foguetes definem as variadas barragens creadas no entendimento entre artilheiros e infantes.

CAP. SÍLIO PORTELLA.

A QUESTÃO DOS CAPELLÃES

Sabientemente, nossa Constituição republicana, preceitúa em seu artigo 72, § 7º:

«Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção official, nem terá relações de dependencia ou alliance com o governo da União ou dos Estados».

Nem de outra forma poderia ser uma vez que estabelece no § 3º do mesmo artigo:

«Todos os individuos e confissões religiosas podem exercer publica e livremente o seu culto, associando-se para este fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito commun».

Estas determinações, que relegam para o fôro intimo de cada um a materia de crença religiosa que, nos tempos progressistas de hoje, a ninguem se pode impôr, são uma consequencia logica do § 2º do citado artigo que diz:

«Todos são iguaes perante a lei».

Assim argumentamos porquanto si o Estado reconhecesse oficialmente uma religião, sem duvida seriam outorgados a seus adeptos direitos que o não poderiam ser aos de outras, deixando portanto de ter execução o § 2º referido.

Um alto criterio, guiado pelo ponto de vista superior da concepção da liberdade

individual em harmonia com as necessidades de uma acção coordenadora, que sempre deve ser exercida pelos Poderes Constituidos, que governam um pôvo, presidio á Assembléa Constituinte.

Assim assumptos, que pertencem á consciencia privada individual — a ella foram deixados, — estabelecendo o nosso instituto magno os direitos de livre pensamento e livre exercicio de culto a todos os Brasileiros.

Só desta forma poderiam todos elles serem comprehendidos e beneficiados por uma mesma lei.

Em consequencia e como execução das disposições constitucionaes, acima transcritas, foram extintos os capellães do Exercito e da Armada.

Claro assim tinha que ser, pois do contrario seria privilegiar os sectarios de uma religião com visivel desprestígio para os das outras.

Alem disso, os quarteis prescindem da presença de quaesquer sacerdotes, pois nelles se vae, em um tempo sobremaneira curto (um anno) aprender a usar das armas, para prover á defesa nacional.

O exercicio do culto, qualquer que elle seja, poderá ser feito livremente nos logares

para este fim destinados (templos) nos dias de folga, de que sempre goza o soldado.

Quanto aos officiaes, a liberdade, que têm, lhes permitirá tempo de sobra para assistirem ás ceremonias religiosas extra-quarteis, focalizando, durante sua estadia em os mesmos, toda a sua attenção para o desempenho de sua profissão, mais que ardua, mais que difícil, quando bem comprehendida. Profunda heresia é o dizer-se que a profissão militar é incompativel com o catholicismo. Porventura será necessario a um catholic ouvir missa, communigar-se, ajoelhar-se diariamente diante de um altar?

As exigencias desta religião serão de tal ordem que o exercicio do seu culto obrigará fatalmente á transformação de cada quartel, estabelecimento creado unicamente para a aprendizagem da guerra, em uma igreja?

Cremos tal não é, e milhares de catholicos conhecemos, que não se acreditam sujeitos a tão pesados deveres.

Por outro lado, em face da sapiente liberdade de pensamento, estabelecida por nossa lei-base, haveria o Governo que attender ás solicitações dos crentes de outras seitas e teríamos, em cada caserna, um tempo não

pequeno, tomado com a celebração de ceremonias religiosas de varios cultos (catholic, protestante, judaico, positivista, etc., etc.) com a invasão não menor de um grande numero de sacerdotes, acarretando para o erário nacional, um augmento de despesa consideravel, a par das consequencias desastrosas para a disciplina, que seriam trazidas pelas controversias religiosas.

Assim, julgamos de todo o modo intempestiva a volta dos capellães ao Exercito e à Armada, devendo ficar como o estabeleceu a Republica, o assumpto religioso para a consciencia privada individual.

De ha muito que os poderes politicos não exercem mais, em geral a direcção religiosa, havendo uma separação completa entre poderes temporais e espirituais.

Para terminar, podemos ainda citar o que disse Jesus Christo, o grande reformador social de outros tempos:

«Dae a Cesar o que é de Cesar ; a Deus o que é de Deus».

No quartel — o cumprimento do dever cívico; no templo — o do dever religioso.

A. PAMPHIRO

SERVIÇO DE SUBSISTENCIA EM CAMPANHA

(CONTINUAÇÃO)

MEIOS DE ACÇÃO DA INTENDENCIA

OS APROVISIONAMENTOS DE GUERRA

Com os effectivos modernos perdeu muito de sua significação, o aphorismo — «a guerra nutre a guerra». Hoje, as nações não entram em luta, sem estarem certas de encontrar imediatamente a subsistencia necessaria á enorme massa de homens subitamente mobilizados. Assim, a Administração Militar prudente deve reunir com antecedencia, os aprovisionamentos de toda especie de viveres para attender ás necessidades da mobilização; pois, é evidente, que esta operação militar, acarretando restricções ao comércio, industria e transportes, eleva o preço de todos os generos, tornando-os alem disto, raros e difficéis de reunir nesse periodo.

*

Estes aprovisionamento de guerra, mantidos desde a paz, constituem a primeira fonte

de recursos de que dispõe a Intendencia para satisfazer ás necessidades iniciais da guerra.

Desde logo se apresentam duas interrogações: quaes são estas necessidades iniciais? e, a que importancia devem attingir taes aprovisionamentos? E' claro que a resposta exacta a estas interrogações, é de ordem confidencial. Ao E. M., por seu serviço de mobilização, cabe determinar o emprego e quota dos aprovisionamentos de guerra, de acordo com as necessidades da passagem do pé de paz para o pé de guerra; entretanto, existem principios geraes, que podem e devem ser conhecidos e discutidos abertamente.

Assim, os aprovisionamentos cuja existencia se impõe desde o tempo de paz, são: em primeiro lugar, aquelles que se destinam ao fornecimento dos viveres de reserva, de que a tropa deve ser imediatamente provida durante a mobilização e que seria difficil, sinão impossivel reunir neste periodo; ao lado destes, os aprovisionamentos destinados á

alimentação dos reservistas, em cada centro de mobilização; pois, seria incuria esperar sua chegada a estes centros para, só então, adquirir os generos necessarios á sua nutrição. E', no mesmo modo, imprescindivel, prever a alimentação dos homens, durante as viagens de estrada de ferro e ao chegarem ás respectivas bases de concentração. Finalmente, é preciso ainda, organizar armazens destinados: a attender a substituição das reservas consumidas, e a enviar diariamente os viveres necessarios ao exercito e praças fortes,

Estes armazens, installados na vizinhança de estações importantes da via ferrea que terá de fazer a comunicação com os presu-miveis locaes dos exercitos, denominam-se *Estações Armazens*.

As Estações Armazens devem sempre dispor de um STOCK de guerra, chamado de *segurança*; mas, a cifra total de sua riqueza depende de considerações de ordens diversas; pois, representam elas a maior parte dos aprovisionamentos e absorvem a quota mais consideravel dos creditos distribuidos para este fim. Evidentemente, a prudencia acha-se mais satisfeita quando ha abundancia de recursos á disposição da tropa; entretanto, esta abundancia é onerosa, pois uma vez adquiridos os aprovisionamentos, o Estado perde annualmente o juro da somma que elles representam, bem como o aluguel ou a amortização dos locaes onde são conservados.

«Assim, mesmo para attender ás primeiras necessidades da mobilização, não se poderá manter a totalidade de STOCKS necessarios» que attingiriam a um volume e importancia consideravel; alem disto, as rações de reserva, compondo-se de conservas, chocolate, pão de guerra, etc., cujo tempo de conservação é limitado, ser-se-ia obrigado, antes que estes generos attingissem o limite de conservação, a fazer sua distribuição pelo efectivo de paz; a bôa alimentação do soldado não ficaria compromettida, mas, tornar-se-ia muito mais cara visto como as conservas, no momento de sua distribuição teriam um valor muito superior ao da alimentação comum.

Seria imprudencia concluir destas considerações, que se não deva manter nenhum STOCK de viveres de reserva. Ellas visam apenas, mostrar a necessidade de reduzir sua importancia, modificando mesmo sua composição de acordo com as circumstancias em que deva se encontrar a tropa em cada caso

particular, com a missão que lhe é reservada, recursos do commercio local, facilidade de transportes em relação aos centros produc-tores e qualquer outra circunstancia. Quando se reconhecer a imperiosa necessidade de, em certos casos, manter STOCKS especiaes, se não deve hesitar, seja qual fôr o preço destes STOCKS; pois, si «em tempo de paz, a economia é a primeira lei, em campanha, é a ultima. Apesar de todas as prodigalidades imaginaveis, sempre se é bastante rico apôs a victoria; ao passo que, economia e parci-monha, só mesmo, depois da derrota, para satisfazer á cupidez do vencedor».

Destas considerações pode-se concluir o seguinte;

«Os aprovisionamentos de toda especie poderão ser reduzidos, de tudo aquillo, que se tenha reconhecido susceptivel de ser produzido por uma actividade intensiva, desde os primeiros dias da guerra».

«Bastará manter em armazens os STOCKS necessarios á entrada em campanha e á vida da tropa, durante um certo numero de dias, que á Alta Administração cumpre fixar».

Para isto conseguir, é necessario, que a Administração Militar se apodere, desde o inicio da campanha, por compra ou requisição, e de uma maneira methodica, de uma grande parte dos generos disponiveis ao paiz, si, desde a paz, se reconhecer a existencia destes generos, e bem assim, que os meios de adquiril-os e transportal-os rapidamente são previamente garantidos. Para os generos cuja quantidade no commercio corrente seja reconhecida insuficiente, taes como pão de guerra, conservas de carne, etc., se organizará, desde o começo da mobilização, uma producção intensiva nas usinas alugadas ou requisitadas para este fim, e, para ellas far-se-á affluir todos os recursos, em pessoal e generos, para elevar a producção ao maximo possivel.

Estas operaçoes devem ser previstas e preparadas em seus menores detalhes, pelo Serviço de Reabastecimento Nacional, dirigidas por um intendente da guerra com o concurso da administração civil.

Graças a estas providencias, poder-se-á diminuir consideravelmente o valor dos aprovisionamentos, tornando sua manutenção, desde a paz, menos onerosa ao Estado: no entretanto, é preciso não esquecer que os recursos do Reabastecimento Nacional são apenas uma probabilidade e não uma certeza.

Resumindo, a organização de nossos aprovisionamentos deve constar:

De um lado, na conservação de aprovisionamentos nos centros de mobilização, destinados a serem retirados para consumo no local, ou para serem levados pela tropa, em seu equipamento, de que, por assim dizer, elles fazem parte.

De outro lado, aprovisionamentos reunidos em um numero restricto de Estações—Armazens destinados a satisfazer ás necessidades do exército em campanha, desde o inicio de guerra.

Emfim, disseminado por todas as localida-

des do paiz, onde os processos de fabricação, reunião e expedição tenham sido previstos, em todas as suas minucias, por uma cuidadosa estatística, todos os recursos do territorio nacional prestes a vir successivamente, complementar as estações-armazens, á medida que elles forem esvaziando sua riqueza, de modo a manter estas, sempre ao mesmo nível.

Tte. Cel. ACACIO FARIA CORREA

Intendente de Guerra

Pontoneiros em accção

O 1.^º B. E. possúe actualmente duas equipagens de pontes: uma, nacional, confeccionada no nosso Arsenal de Guerra, que exhibe em seu conjunto o esforço e a dedicação do operariado brasileiro e o trabalho e estudo de quem a projectou; outra, franceza, fructo da experiençia de um povo forte e aguerrido. Desde que esta foi adoptada em nosso exercito, começaram a surgir muitos adeptos desta e outros tantos daquella e dahi a pergunta: — Qual será a melhor? E' a esta pergunta que me proponho responder, dizendo, á priori, que ambas são bôas, havendo em todas duas vantagens e inconvenientes.

Tive a felicidade de servir na Companhia de Pontoneiros, que acaba de chegar da Barra do Pirahy, onde colhi valiosos ensinamentos, dos quaes vou lançar mão para fazer uma rapida e despretentiosa comparação, citando os inconvenientes e as vantagens dos dois materiaes, com a maior imparcialidode.

Primeiramente se torna mistér fazer uma citação dos dados numericos de um e de outro material, afim de que o leitor possa jogar com esses preciosissimos elementos. O material brasileiro de pontes de uma D. I. é transportado em 30 viaturas technicas atreladas a 6 animaes.

Estas 30 viaturas se distribuem assim:

24 carros meios pontões;
4 carros de cavalletes;
2 carros de reserva.

Este material permite construir:

a) uma ponte normal de 76^m,50 de extensão maxima, com 3 metros de largura

(via), permittindo passagem ás tropas da D. I. com os seus cavallos e viaturas atreladas até o peso maximo de 2.500 kilos;

b) uma passadeira ou pingüella de 130^m,50 de extensão maxima, com uma largura de via de 1^m,50, permittindo a passagem á infantaria por 2, á cavallaria por 1 e a viaturas ligeiras desatreladas até o peso maximo de 1.500 kilos;

c) portadas de 2 e 3 pontões, para o caso em que a largura do curso d'agua exceda á que permite o material ou para as cargas que excederem á resistencia das pontes, tendo uma capacidade de carga de 5 e 8 toneladas respectivamente.

Principaes dimensões do nosso material:

<i>Meio barco</i>	(comprimento.....	4 ^m ,00
	(largura.....	1 ^m ,50
	(altura	0 ^m ,70
	(peso.....	360 kgs.

<i>Poder fluctuante</i>	(como embarcação (não empre- gido); como supporte 1800 kgs.
	(calando 0 ^m ,50.

<i>Barco inteiro</i>	(comprimento.....	8 ^m ,00
	(largura.....	1 ^m ,50
	(altura	0 ^m ,70
	(peso.....	720 kgs.

<i>Poder flu-</i>	(como embarcação : 4500 kgs.
<i>ctuante</i>	(como supporte : 3500 kgs.

Longarinas: perfil de igual resistencia:

altura constante.....	0 ^m ,15
secção media.....	0 ^m ,15×0 ^m ,12
comprimento.....	4 ^m ,65
peso.....	50 kgs.

Pranchões :

dimensões $3^m,60 \times 0^m,30 \times 0^m,03$
peso 20 kgs.

O material francêz de pontes de uma D. I. é transportado em 18 viaturas techniques atreladas a 6 animaes.

Estas viaturas se distribuem assim :

8 carros pontões;
6 carros de parque;
1 carro barquinha;
1 carro de cavalletes;
1 carro de reforço;
1 carro propulsor.

O material acima permite construir :

a) uma ponte normal de $63^m,80$ de comprimento, permittindo a passagem ás tropas da D. I. até o peso maximo de 3.500 kilos;

b) portadas de 2 e 3 pontões.

Principaes dimensões do material francêz:

<i>Pontão</i>	(comprimento	$8^m,55$
	(largura	$1^m,70$
	(altura	$0^m,80$
	(peso	840 kgs.

<i>Poder flu-</i> <i>ctuante</i> <i>maximo</i>	{ como embarcação :	5000 kgs.
	{ como supporte :	4500 kgs.

<i>Vigotas</i>	{ de $8^m,00$:	$0^m,12 \times 0^m,12$; peso
	{ 50 kgs.	
	{ de $6^m,30$:	$0^m,12 \times 0^m,12$;
	{ de $4^m,00$:	$0^m,12 \times 0^m,12$;
	{ de $2^m,00$:	$0^m,12 \times 0^m,12$;

Pranchões : $3^m,90 \times 0^m,333 \times 0^m,04$; 2 travessas em gauzepe; 4 entalhes para passagem das cordas do roda-pé.

Dados esses elementos, podemos agora fazer as seguintes observações geraes :

a) o material francêz é transportado em menor numero de viaturas do que o brasileiro, donde a economia de arreios, de cavallos e sobretudo de conductores;

b) a equipagem franceza possue um propulsor amovivel e uma barquinha, que permitem transportar as tropas de cobertura da ponte muito facilmente;

c) que, sendo cada meio pontão brasileiro transportado numa viatura especial com o material para um lance, esta viatura transporta peso identico ás do carro pontão francêz;

d) havendo um só comprimento de vigotas (longarinas) na equipagem brasileira tornase a construcção da ponte muito rigida, ao mesmo tempo que as vigotas da equipagem franceza possuem $4^m,00$, $6^m,00$ ou $8^m,00$ de comprimento, facilitando a sua construcção.

Na Barra do Pirahy tivemos o seguinte caso pratico: Estavamos acampados na ilha do Assumpção e queriamos construir uma ponte de equipagem brasileira, que ligasse esta ilha á estrada, que corre entre a R. S. M. e a margem esquerda do Parahyba.

Lançamos mão da formula usada pelos introductores do material :

Comprimento = (n. de supportes + 1) \times $4^m,50$. (*)

Estavam lançados seis pontões, quando de romaria chega a nossa cavalhada do campo; tinhamos necessidade premente de acabar a ponte rapidamente, pois a cavalhada, onde se achava, não podia permanecer muito tempo. Foi ancorado e lançado o 7º supporte, mas mesmo assim não se alcançou a segunda margem, por ser o rio de 38^m ; e só termos até este supporte 36^m — era pouco. — Ancorou-se o 8º pontão — foi de mais, — tinhamos que cavar $2^m,50$ para assentarmos o 2º encontro, n'um logar onde isto se não podia fazer, por ser á beira de uma estrada de rodagem. Para ganharmos tempo retiramos o 8º pontão e com o auxilio das vigotas francesas terminamos de chofre a ponte e a cavalhada passou sem novidade.

Em campanha, quando não se pudér medir exactamente a largura do rio, para se determinar o numero de supportes, a ponte se tornará muito mais morosa. Todas as vezes que não se conhecer mathematicamente a largura do rio, não poderemos jogar com os dois encontros para corrigirmos á falta ou ao excesso de longarina e sim com um encontro sómente.

e) que constitue uma desvantagem para a ponte brasileira ter a longarina de $4^m,65$ de comprimento um peso de 50 kgs., ao passo que com o mesmo peso uma vigota da equipagem franceza tem $8^m,00$ de comprimento.

f) que para um vão de 38^m . foram necessarios oito pontões brasileiros com lances de $4^m,50$ ou seis pontões franceses.

g) que ambas as equipagens gastam 45 á 55 minutos para a sua construcção e 16 á 24

(*) Comprimento do lance ou das longarinas sem garras.

para o seu levantamento, dependendo tudo do adestramento do pessoal.

h) que, sendo as vigotas (longarinas) da equipagem brasileira de perfil de igual resistência e providos de garras, difícil se torna a sua substituição n'um caso imprevisto, ao passo que as vigotas francesas facilmente podem ser substituídas, devido a natureza prática do seu material em conjunto.

i) uma das vantagens da equipagem brasileira é permitir o lançamento de uma passadeira de 130^m,50. Esta vantagem é debelada, si nos lembarmos que para passar a infantaria por 2 e a cavalaria por 1, basta uma passadeira construída com os saccos Habert.

j) a vantagem magna da equipagem francesa é supportar mais uma tonelada do que a brasileira.

Feitas, que foram, estas considerações, passemos á questão dos transportes.

Transportes. Fizemos diversas marchas com os dois materiais e notamos que, com o material francês, só se pôde fazer curvas de raio muito grande e que o material brasileiro, muito mais maneável, se adapta perfeitamente ao nosso caso (más estradas).

A madeira de que são feitos os montantes do carro pontão francês, é muito fragil e por isso, sempre que o material era usado, os montantes se rachavam, se esfacelavam, tornando-se perigoso o seu transporte.

No material brasileiro são as molas que foram mal preparadas e por conseguinte se quebram a um choque mais ou menos violento.

O pontão francês, sendo transportado emborcado, dispensa a capuxana do brasileiro, a qual é feita de lona e serve para abrigar o pontão da chuva, poeira, etc.

Quanto ao transporte acho que o material brasileiro está acima do francês, por ser muito mais maneável.

Carregamento e descarregamento. O carregamento e o descarregamento do pontão nacional é feito por 10 homens, os quais fazem deslizar por sobre duas longarinas colocadas em rampa, com uma das extremidades apoiada no recavado do carro. Esta manobra é muito fácil e demanda muito pouco tempo. O pontão desce directamente para dentro d'água.

A mesma manobra, feita com o pontão francês, necessita 20 homens fortes; é feita com muita dificuldade e gasta muito tempo. Algumas vezes sucede se quebrar a vigota que se utiliza para a manobra, machucando

os homens que fazem a carga ou a descarga; para desapparecer esta dificuldade eu propõho que se fizesse uma vigota mais resistente, a qual só seria utilizada para o carregamento do pontão.

Navegação. A navegação feita com o pontão francês, é muito mais vantajosa.

Os pés de carneiro, existentes no pontão nacional, não permitem que os remadores tomem uma posição segura e estavel.

Acho que os homens devem remar de pé, como no pontão francês, com excepção do piloto, porque em caso de safar o remo o homem se abaixará e nada succederá, ao mesmo tempo que, si o remador do pontão nacional «enforcar o remo», isto lhe poderá ser fatal, porque, uma vez que não encontre apoio, cahirá para traz, podendo quebrar a cabeça ou se magoar muito de encontro á travessa seguinte ou ao paneiro da popa.

O meio pontão brasileiro deverá ser confeccionado do mesmo modo que o pontão francês, completamente aberto, assim de facilitar a navegação.

Pontagem. Qualquer que seja a velocidade de um rio, a ponte de equipagem pôde ser lançada, dependendo tudo da ancoragem; — é a opinião do meu commandante, capitão Bentes Monteiro.

A fateixa do material nacional é muito leve e por isso não ancora suficientemente o pontão.

Em Barra do Pirahy nos sucedeu o seguinte: «Estavamo construindo uma ponte de equipagem pelo methodo de pontões sucessivos, quando se notou que um pontão estava um pouco para jusante e para se corrigir esta falta, mandou-se um auxiliar suelcar a amarra da ancora do dito pontão; foi com grande surpresa que vimos ao envez do pontão ir para montante, ser a fateixa que vinha para jusante. Resultado: o pontão foi ancorado com o auxilio da barquinha da equipagem francesa, com uma ancora da mesma equipagem e em seguida recolhida a fateixa.

Um ponto que julgo fraco na equipagem brasileira, apesar de pratico, é a ligação entre dois meios pontões; esta ligação deve ser estudada prevendo-se o caso das substituições.

As travessinas e longarinas da equipagem brasileira devem de uma vez para sempre serem condenadas; são muito rígidas, muito pesadas e dão pouco rendimento.

Devemos adoptar as vigotas francezas apoiaadas directamente no pontão, sendo as ligações feitas com cordas.

Os dormentes do encontro devem ser também do tipo francês, por serem muito mais sólidos.

O taboleiro da ponte francesa, sob o ponto de vista prático, é melhor do que o nacional.

O travamento da ponte nacional parece-me melhor do que o da francesa. Porque:

1º é feito mais rapidamente;

2º não deixa saliências e reentrâncias, como na francesa, que occasionam, as vezes desastres nas pontes. Uma vez uma viatura ia passando na ponte, quando um dos cavalos se assustou por qualquer causa e jogou uma das rodas dianteiras da viatura de en-

contro ao rodapé; arrebentou a corda de arrocho que ligava as duas vigotas e por uma felicidade não foi a viatura dentro do rio. Este facto, tenho certeza, que não sucederia, si a ponte francesa tivesse o rodapé da nacional.

Si adoptarmos as vigotas francesas com o rodapé nacional, é conveniente nos utilizarmos de uma vigota de 4^m,00, que se collocaria no meio do lance, ponto de maior flexão.

Para quem não lidou com o material, vendo as duas pontes armadas se agradará mais da brasileira, que é muito mais sympathica e imponente:—vence na esthetica.—

TENENTE LIMA FIGUEIREDO

UM ESQUADRÃO DE CAVALLARIA EM DESCOBERTA

(*Da Revue de Cavallerie — Cap. Dame — Trad. de N. V.*)

(CONTINUAÇÃO)

A JORNADA DE 20 DE MARÇO

a) *A marcha para St. Quentin. Combate de Savy. A situação ás 8 horas.* — Ao clarear do dia, o esquadrão deixou Ham, para recomeçar suas investigações na direcção de Saint Quentin.

Após transpôr a linha de nossa infantaria, detida a meio caminho entre Ham e o engenho de Aubigny, elle avançou pela grande estrada e de um só lance sobre Roupy, coberto por um pelotão da vanguarda — o pelotão Rolland — e por duas patrulhas de flanco, uma á direita, pelo valle do Somme, e outra á esquerda, entre Beauvois e Etreillers.

O destacamento parou ao chegar á cidade, e, da orla NE, para onde avançou sob a protecção de sua vanguarda, o capitão comandante avistou uhlans em sua frente, no planalto da cota 138, á oeste de St. Quentin, e na cinta que termina em Dallon.

Além disso, as patrulhas de flanco lhe assinalaram, a da direita — infantaria inimiga em Serancourt-le-Grand, a da esquerda — patrulhas de uhlans entre Beauvois e Etreillers.

Querendo completar essas informações pelo reconhecimento de Savy, elle destaca para ahi um sub-official, sargento Lambert, e 4

soldados. Mas, céga por uma tormenta de neve, a patrulha foi bater contra a orla da cidade, sendo fuzilada a queima-roupa.

O couraceiro Quentin foi ferido mortalmente e os cavalos dos soldados Morel e Tostain foram mortos, durante seu retorno a patrulha recebendo tiros de obuzeiros 105.

Esse primeiro conhecimento da situação foi imediatamente transmittido ao comandante pela informação seguinte :

« Informação n. 4.

(Expedido ás 8 h. de Roupy)

I — A região Ham — Roupy evacuada pelo inimigo.

II — Fracções de infantaria inimiga assinaladas em Serancourt-le-Grand.

III — Numerosas patrulhas de uhlans na linha Beauvois — Etreillers — Savy — Dallon.

b) *O comandante da descoberta tem a impressão de achar-se deante da posição inimiga. Sua decisão de dar um golpe de sonda directamente sobre Saint Quentin. Abandona dessa decisão — O esquadrão se conserva em Roupy, de onde seu chefe continua a observar.*

O terreno ao norte da estrada N^o 30 sobe na direcção oeste de St. Quentin até o

planalto da cota 138. A exceção das escarpas oeste de 138, que encerram o bosque de Savy e os accidentes que o prolongam ao sul, nada se oppõe à vista senão cobertas sem importância.

Nenhuma organização defensiva visível se revela por esse tempo brumoso, mas apesar disso o capitão comandante deve verificar se os boatos dos habitantes de Ham são exactos, isto é, se o inimigo faz grandes obras nessa região.

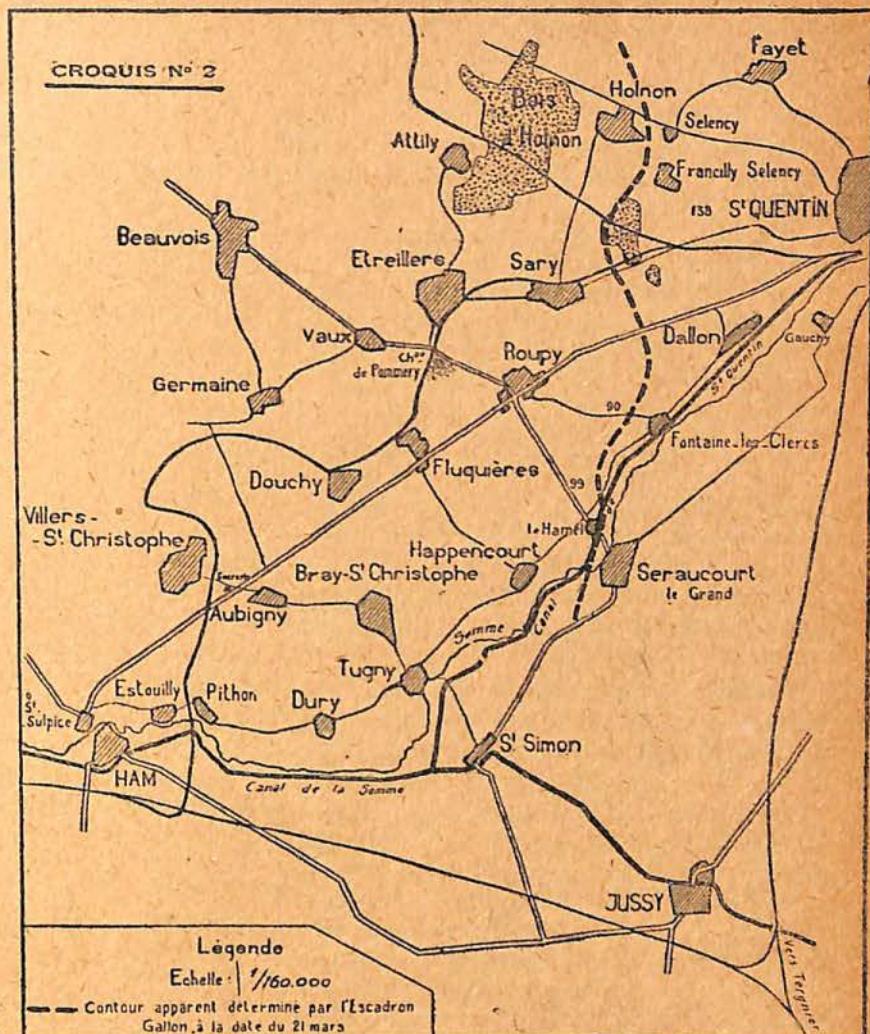
Sua intenção é, portanto, progredir directamente para St. Quentin pela grande estrada, mas, dissipando-se as brumas, elle percebe a leste do bosque de Savy um grupamento de uhlans que elle avalia em 2 esquadrões. Sabendo, além disso, que ha infantaria no valle do Somme, elle se arriscaria a ficar engarrapado, se executasse seu projecto, de modo que renuncia a elle.

c) Tentativa no valle do Somme. O inimigo se revela forte. Combate de

Hamel — Não podendo abordar Saint Quentin de frente, o commandante do esquadrão de descoberta se propõe approximar-se pelo valle e decide reconhecer primeiro a força do inimigo que occupa as povoações situadas sobre o Somme, depois subir, se possível, para a cidade, utilizando as ondulações do terreno que terminam em Fontaine-les-Clercs e Dallon.

Foi ordenado, por isso, a um pelotão — tenente Rolland — de marchar para Le Hamel e Serancourt-le-Grand.

Mas, logo que essa unidade attingiu ás encostas N. O. da cota 99, apareceram infantes na cinta e ahí se reforçaram rapidamente. De outro lado, a patrulha do sargento Comtoir, destacada á esquerda para a cota 90, não conseguiu senão pela astúcia afastar 2 patrulhas de uhlans, ambas mais fortes que ella, e a do sargento Lambert, que fôra des-



REGION ENTRE HAM ET SAINT-QUENTIN

tacada á direita, foi surprehendida pelo fogo de uma metralhadora; o couraceiro Jourde foi morto, o sargento Lambert e o couraceiro Chapillon foram feridos. O cavallo do couraceiro Jourde foi morto e os dois outros do grupo feridos.

Emfim, a artilharia alemã, collocada em flanqueamento do valle, desencadeia um violento fogo de barragem a obuz de 105 entre o pelotão engajado e a estrada. Nessas condições, o capitão comandante faz cessar o combate e ordena ao pelotão que se reúna ao resto do esquadrão (1), sempre ao sul de Roupy, bombardeado pelo inimigo com 77 e 105, apenas um cavallo sendo ferido nesse bombardeio.

Mesmo ahí, o esquadrão foi retido por uma cortina que não pôde romper.

(1) Esta ordem foi levada pelo ajudante Tiney e o clarim Bonamy, que atravessaram a barragem de artilharia.

Com as informações que lhe forneceram desde manhã todas essas operações, seu chefe pôde determinar um contorno apparente balisado por Beauvois, Etreillers, Savy, cota 138, Dallon, Serancourt-le-Grand, mas foi sómente no valle que elle tomou contacto com uma infantaria apoiada pela artilharia. Elle concluiu, que se achava deante da nova linha alema organisaada nas vizinhanças de Saint Quentin. O conhecimento minucioso do terreno pela artilharia inimiga confirma sua opinião, e, entretanto, se é certo que o esquadrão se approxima, elle não está, contudo, ainda em contacto com a posição «Hindenburg».

E' bom ressaltar aqui, quanto seria útil munir o capitão commandante, em sua partida, de cartas em dia e de photographias, para permitir-lhe «fixar» suas observações nas grandes linhas do *canevas* de conjunto fornecido ao exercito pela aviação e de assentar suas decisões para a procura de informações em bases mais solidas do que as declarações de habitantes.

Na situação em que elle se encontra, não remedia o «vacuo», em que opera, senão pelas qualidades particularmente desenvolvidas de iniciativa e de decisão,

d) *Sondagens a oeste e norte de Saint Quentin.* — Assim bloqueiado no valle, elle considera que sua operação sobre Saint Quentin é mais arriscada ainda que precedentemente, e, á vista do que sabe, muito menos necessaria. Por isso, decide elle sondar o terreno a oeste e a noroeste dessa cidade, para procurar ahi tambem o contacto da infantaria inimiga.

Pelo meio da tarde, elle considera o momento favoravel e avança seu esquadrão para o parque do castello de Pommery, de onde destaca um sub-official, o sargento Courads, e 5 soldados em reconhecimento sobre Etreillers, Savy e o bosque de Holnon, com a missão de vér: 1.º, se o inimigo ainda está em Savy; 2.º, se elle occupa o bosque de Holnon; 3.º, se foram executadas obras nesse bosque, particularmente na orla sul, no extremo da qual parecem dispostos abatizes.

Esse reconhecimento constata que Savy não tem inimigos, mas não pôde penetrar no bosque de Holnon. Pôde, porém, verificar que os abatizes são sem importancia e que a orla sul não está organizada. Ao cahir da noite, no serviço de patrulha sobre o Hamel, o aspirante de Rohan Chabot teve um cavallo morto.

Não dispondo mais de viveres nem de forragens, e nada podendo achar no local, o esquadrão foi obrigado a regressar e passar a noite em Ham, tendo encontrado em caminho um destacamento de 50 homens do 20.º de Couraceiros, sob o commando do capitão Guiroye, que ia apoiá-lo, com o qual combinou reunir-se na manhã seguinte no engenho de Aubigny.

Chegando a Ham, elle enviou a informação seguinte, relatando as operações do dia:

* *Informação n. 5.*

(Expedida ás 21 h. 30 m. de Ham)

I — Foi feito reconhecimento sobre o Hamel pela manhã, visando constatar a situação das fracções de infanteria assignaladas em Gran—Serancourt.

O tenente Roland, com seu pelotão, engajou um combate a pé contra os elementos inimigos que ocupavam o terreno da cota 99 a noroeste de Hamel. A infantaria inimiga ahi mostrou-se forte. Nenhuma organização defensiva séria foi constatada entre Le Hamel e Fontaine-les-Clercs.

II — Em seguida a essa operação, o inimigo bombardeou Roupy e adjacências com obuzes de 77 e de 105. O terreno parece estar estudado minuciosamente.

III — Numerosos trens circulam na linha de Saint Quentin a Tergnier (ruído e fumaça).

IV — a) Grupos de cyclistas e de uhlans são vistos na região entre Beauvois e Saint Quentin;

b) Savy não está mantida pelo inimigo;

c) Uma das minhas patrulhas esgueirou-se até á orla sul do bosque de Holnon (6 km. O. de St. Quentin). Essa orla não está organizada. A patrulha não pôde ir adeante. Pretendo sondar essa região amanhã.

V — Os habitantes de Ham dizem que os alemaes têm uma forte organização defensiva nas imediações de St. Quentin e que a região a leste desta cidade está cultivada.

VI — a) O estado do local, bem como a falta de aprovisionamento em viveres e forragens, obrigam-me a pernoitar em Ham, de onde partirei amanhã ás 4 h. 45;

b) Peço ser reabastecido a 21 de Março por Ham.

VII — Feita a juncção com o destacamento de Guiroye.»

A JORNADA DE 21 DE MARÇO

a) Nova tentativa no valle do Somme em Fontaine-les-Clercs. O esquadrão deve re-

nunciar á passagem sobre a margem leste. — Como foi combinado na vespere, os dois destacamentos se encontraram no engenho de Aubigny, pouco após romper o dia. O capitão Guiroye está munido de uma ordem do general commaudante da 1.^a D. C., prescrevendo-lhe tentar com o esquadrão Gallon a passagem do canal de St. Quentin por Fontaine-les-Clercs, e, para isso, são fixadas as disposições seguintes: enquanto o esquadrão Gallon atacar a cidade em direcção oeste-leste, por Roupy, o destacamento Guiroye subirá o valle do Somme por Happencourt e Le Hamel, para abordar a povoação pelo sul.

O esquadrão, coberto por um pelotão em Savy, deixa seus cavalos no parque do castelo de Pommery e inicia seu ataque a pé pelo eixo Roupy — cota 90.

Um sub-official, o sargento Blanc, destacado em patrulha sobre a direita, dá conta que o Hamel está evacuado, mas que Séancourt-le-Grand e Fontaine-les-Clercs estão ocupados. Emfim, o capitão Guiroye informa que acaba de receber ordem de reunir-se á 2.^a Brigada de Couraceiros em Villesilve.

Nestas condições, o esquadrão não está mais em condições de atingir Fontaine-les-Clercs. O que o capitão viu lhe confirma, entretanto, nitidamente, sua impressão da vespere sobre a ocupação do valle. Por isso, elle cessa o combate.

b) Reconhecimento da posição allemã a O. e N.O. de Saint Quentin. — O esquadrão reúne seus cavalos para ficar em condições de apoiar o pelotão de Savy, que, além de sua missão de cobertura, recebeu ordem de determinar os pontos de apoio ocupados pelo inimigo entre a estrada de Roupy a Saint Quentin e a cidade de Holnon (inclusive).

Impellindo suas patrulhas, a pé sobre o bosque de Savy e a cavallo para o bosque de Holnon e para Francilly — Selency, o chefe do pelotão — tenente Arexy — verificou que o bosque e a cidade de Holnon estão livres do inimigo, ao passo que Francilly — Selency e o bosque de Savy estão solidamente organizados (1).

Esta situação lhe foi confirmada por um habitante da região, que lhe deu informações

(1) No decurso do reconhecimento a pé nas orlas do bosque de Savy, o esclarecedor Gallé se distingue por sua energia e iniciativa. Esgueirando-se através do terreno, conseguiu aproximar-se de uma metralhadora allemã, que não tardou a desmascarar-se. Esta peça, tendo aberto fogo, as outras metralhadoras que ocupavam o bosque começaram igualmente a atirar, o que permitiu ao tenente Arexy constatar que o bosque estava férreamente guarnecido.

preciosas sobre o traçado das posições allemanas em torno de St. Quentin.

Além disso, foi tomada a ligação em Germaine com a cavalaria britânica.

c) Ultima informação enviada. Fim da missão. — O capitão pôde então, á tarde, enviar ao Commando as importantes informações seguintes:

« Informação n. 6.

(Expedida ás 15 h. de Roupy).

I — a) Em cumprimento de ordem comunicada pelo cap. Guiroye, tomei desde manhã minhas disposições para tentar passar o canal de St. Quentin para Fontaine-les-Clercs, coberto em Savy pelo pelotão Arexy.

O destacamento do cap. Guiroye devia subir o Somme por Happencourt.

A operação não pôde ser prosseguida, todas as cristas estando bombardeadas.

A artilharia allemã atirou mesmo sobre os isolados.

b) Grand — Serancourt e Fontaine-les-Clercs estão ainda ocupados por fracções de infantaria inimiga e ha metralhadoras no canal.

O inimigo evacuou Le Hamel (parte situada a noroeste do canal e as pontes estão destruidas).

II — a) Uma patrulha do pelotão Arexy chegou ás imediações de Francilly — Selency, que estão ocupadas pela infantaria inimiga;

b) O planalto 138, entre Francilly — Selency e a estrada de St. Quentin a Hamel, está sempre percorrida por patrulhas de uhians;

c) O bosque de Savy está mantido por metralhadoras. Ha circulação muito activa de homens a pé e a cavallo entre Francilly — Selency e esse bosque.

A patrulha do aspirante Rohand-Chabot esmerilhou o bosque de Holnon, que foi evacuado pelos allemães. Ha, porém, um canal recentemente perfurado a uns 50 metros no interior da orla azul. No bosque, grandes picadas orientadas leste-oeste e de uns 40 metros de largura estão barradas por uma multidão de troncos de árvores.

Não ha inimigos na aldeia de Holnon.

III — Numerosos trens continuam a circular na linha Saint Quentin — Tergnier.

IV — Informações dadas ao tenente Arexy pelo proprietário da herdade De Pontcher (1,5 kms. ao N. de Urvillers):

a) uma linha de trincheiras se estende de Francilly — Selency para Gauchy — cota 121 — Itancourt — Mezières — Sur-Oise;

b) Uma linha muito mais forte existiria nas imediações leste de St. Quentin.

Muitos civis terão trabalhado nesta organização durante vários meses.

V — Ligação feita com a cavalaria ingleza em Germaine.»

Esta informação foi a ultima enviada pelo capitão Gallon. Sua missão terminou. A tarde, de facto, um outro esquadrão do 1.º de Couraceiros veio rendel-o e elle se reuniu no dia seguinte á sua brigada em Villesilve.

Observações

A) DISTANCIAS PERCORRIDAS

1.º A 17 de Março, de Hetormein (campo de Crevecour) a Esserteaux	25 km.
2.º A 18 de Março, das 11 às 20 h., de Esserteaux a Davenescourt	30 km.
3.º A 19 de Março, de 0 a 18 h.	54 km.
4.º A 20 de Março.	28 km.
5.º A 21 de Março.	26 km.
Total.	163 km.

B) 1.º Todas as informações foram transmitidas por estafetas e chegaram nas condições normaes de tempo.

A conducta do estafeta Bertrand, portador da informação n.º 4, merece ser assinalada. Esse cavalleriano achou em Ham o canal do Somme cheio d'água, os alemães tendo aberto as represas á montante. Não podendo passar a cavalo, a passagem não sendo possível senão por uma pinguela improvisada, Bertrand confiou seu cavalo á municipalidade de Ham e passou para a margem sul, onde obteve de um destacamento do 13.º de Hussards um cavalo, com o qual pôde atingir muito rapidamente seu destino.

2.º O cap. commandante dispunha de 2 pombos. Considerando a impossibilidade em que se pudesse encontrar de continuar a assegurar a transmissão das informações por estafetas, guardou-os em reserva.

C) 1.º Antes de deixar o regimento na noite de 18 para 19 de Março em Davenescourt, o equipamento tinha sido aliviado de tudo quanto não fosse preciso no curso da missão : a tunica, a escova, o segundo par de borzeguins, a rascadeira e a escova do cavalo.

O sacco de distribuição apenas continha 1 calcão, 1 camisa, 1 flanella, 1 lenço e 1 par de meias.

Convém observar que a maior parte dos objectos deixados, que tinham sido postos em viaturas, não foram encontrados no regresso, e tiveram de ser substituídos.

Esses extravios não se dariam, se cada unidade pudesse transportar seu material em um caminhão, que lhe pertencesse.

O esquadrão não levou senão 2 kgs. de forragem por cavallo e um só dia de viveres de reserva por homem, em consequencia de um retardo na chegada das viaturas de reabastecimento. A nutrição dos homens foi mais ou menos assegurada pelos habitantes de Ham, que a obtiveram nas conservas recebidas do reabastecimento americano e que haviam occulto durante a ocupação alema. Quanto aos cavalos, os 2 kilos de forragem transportados 1hes foram dados na jornada de 10 de Março e nos dois dias seguintes não foi possível achar mais de 200 kgs. de aveia e 50 de farelo em Saint Sulpice.

A ração dada a 20 e 21 de Março não passou, pois, de 1 kg. de aveia e 0,5 de farelo por cavallo por dia.

Em compensação, os cavalos tiveram todas as noites palha á vontade. Durante o dia, nada, nem mesmo agua, o territorio estando devastado. E, no entanto, os cavalos reuniram-se ao regimento a 22 de Março em estado ainda realmente muito bom, e, graças á carga aliviada, sem o menor ferimento no lombo.

III

Os resultados obtidos — Conclusões

Os resultados obtidos pelo esquadrão de descoberta durante esses tres dias foram dos mais interessantes.

Em resumo, a 19 elle retomava o contacto perdido pela infantaria e as indicações dos habitantes lhe forneciam as primeiras informações sobre a situação do inimigo. A 20, elle se via sucessivamente barrar por um inimigo forte na estrada directa de Saint Quentin, depois no valle do Somme, a sudoeste dessa cidade, não podendo determinar precisamente a ocupação da região a oeste. A 21, a execução da operação prescripta pelo general commandante da 1.ª D. C. lhe permitiu confirmar sua informação da vespera, no que se referia ao valle do Somme e seus reconhecimentos lhe forneceram os esclarecimentos, que elle desejava, sobre a situação

a oeste e noroeste de Saint Quentin. Um cidadão lhe trazia, além disso, indicações que, amparadas com as informações obtidas durante os dois dias últimos, lhe permitiram estabelecer com precisão o traçado de uma posição alemã na região em que ella tinha ordem de operar em descoberta.

A vista do que expuzemos no inicio deste estudo quanto à situação geral, é facil apreciar os serviços que prestou essa unidade ao commando: primeiramente, notemos que esse reconhecimento e, sobretudo, os que operaram á direita, para Jussy e Saint Simon (esquadrão Gravereau) forneceram a tempo sobre o estado do inimigo informações que permitiram affastar rapidamente a idéa de uma perseguição de unidades desorganizadas.

Por isso, a 1.^a D. C. operou, não em exploração, mas principalmente como cavalaria de corpo de exercito e de divisão. Vimos, de facto, o esquadrão do 1.^º de Couraceiros por varias vezes em contacto com o 13.^º de Hussards (cavalaria de corpo do X^º C. E.). Era, então, um papel de cobertura do exercito em sua progressão e sua instalação deante da posição inimiga, que lhe havia sido fixado pelo commando desde 18 e que lhe foi confirmado.

Resolvida essa primeira questão, os pontos mais importantes a determinar, dissemos nós, eram a amplitude do recuo inimigo e a ocupação da linha «Hindenburg».

O interesse, que ligava o commando a essa informação, resalta das instruções que elle deu e nós temos uma prova na ordem do general commandante do III Exercito, datada de 20 de Março, da qual extrahimos o topico seguinte:

«A 1.^a D. C. continuará sua missão entre Somme e Oise, até que a questão da ocupação da linha «Hindenburg» pelos alemães seja esclarecida».

Ora, na tarde de 20 de Março, pôde-se afirmar que a situação estava bem nítida na região de St. Quentin, onde acabamos de seguir as operações do esquadrão de descoberta da II Brigada de Couraceiros. Dando conta das resistencias encontradas na frente Francilly—Selency—bois de Savy—estrada N^º n. 30—cota 90—Fontaine-les-Clercs—Serancourt-le-Grand, o capitão Gallon não podia fazer mais claramente resaltar que o inimigo, que até então havia recuado sem combater, se preparava para disputar-nos, a partir dessa linha, as immediações da posição «Hindenburg».

E, de facto, foi sómente a 24 de Março que Serancourt-le-Crand foi arrebatado por um ataque que nos levou sobre a frente Savy—Gibencourt. Foi a 1 de Abril que o bosque de Savy cahio aos golpes das tropas britânicas e sómente a 4 de Abril que, depois de havermos arrebatado na véspera o obstáculo de Dallon, Giffecourt e Cerizy, nós nos estabelecemos effectivamente em face da posição inimiga sobre a frente Grugier—Urvilliers—Moy.

Nos sectores vizinhos, os reconhecimentos de cavalaria tinham operado da mesma maneira, mas se detiveram muito mais cedo deante de sérias resistencias na linha Ternier—Jussy—St. Simon.

Assim, o commando conheceu rapidamente a situação e as intenções do inimigo. Pôde, em consequencia, fazer progredir rapidamente as tropas em uma zona em que a segurança estava realizada e montar sua manobra.

Essas possibilidades lhe foram proporcionadas por sua cavalaria, que elle havia conservado em condições de lhe prestar serviços quando a chamassem e que justificou essa confiança, preenchendo integralmente a missão que lhe foi dada. Diremos mesmo que, no caso particular estudado, a cavalaria era a única arma que lhe podia dar rapidamente e exactamente as informações de que elle precisava.

Vimos, de facto, a preço de que dificuldades um unico esquadrão, aligeirado, conseguira vencer os diferentes obstáculos semeados pelo inimigo para retardar essa perseguição.

Assignalemos, além disso, que um grupo de autos-canhões, destacados em apoio dessa unidade, não pôde transpor o canal do Somme em Ham senão no momento em que o esquadrão terminou sua missão!

Isto é a reflectir por aquelles que admitem destacamentos de contacto formados por elementos ligeiros transportados em automóvel.

E' fóra de duvida que, no dia em que nossos meios de investigação forem revirados nas estradas, a tactica adversa consistirá, antes de tudo, na destruição das vias de comunicação.

No que concerne aos carros, sua rapidez parece dever ser realizada incessantemente pela adaptação de um jogo de rodas que lhes permittam marchar na estrada como veículos automóveis ordinarios, não utilizando a marcha a *chenille* senão no momento

de acção. Mas, «sós, elles não podem explorar, reconhecer, guardar o contacto : sós, elles não podem perseguir, isto é, avançar no desconhecido e ahi manter-se». E elles têm no canhão um adversario que pôde tornar seu emprego precário.

A aviação, que não se serve do sólo, é um meio de reconhecimento de primeira ordem, que tem a possibilidade de trazer photographias dos pontos, que lhes forem fixados. Ela permite ao commando «desvendar» as grandes linhas de uma situação, mas não obtém por si só senão informações insuficientes: Não pôde substituir a cavallaria.

Se o inimigo toma precauções, realiza seus movimentos á noite. ella não tem mais do que um rendimento extremamente fraco e é incapaz, sempre, de fornecer sobre a ordem de batalha adversa informações que só pôde proporcionar a captura de prisioneiros; finalmente, ella tem de contar com as condições atmosphericas e, no caso que estamos estudando particularmente, não se mencionam suas operações, porque o tempo foi, de facto, máo (neve) e apenas 4 aviões allemandes voejaram sobre o esquadro a 21 de Março em Roupy e, na volta, a oeste de Douchy, 2 aviões britannicos.

Longe de nós, entretanto, a idéa de combater ou menospresar meios que, ao contra-

rio, trazem á arma de informação um auxilio particularmente efficaz.

Em summa, sem tentar vaticinar o que se pôde produzir em um futuro mais ou menos proximo, e que nos pôr em presença da de aperfeiçoamentos ainda mais consideráveis, que aquelles que temos sob os olhos e que previmos, é preciso reconhecer que, se os engenhos mechanicos são actualmente para nossas unidades um precioso auxiliar, a machina não poderá ainda substituir completamente o homem ; primeiro, porque ella é impotente em certas circumstancias, como as que mostramos e que são circumstancias de guerra que podemos reencontrar amanhã ; depois, porque, mesmo nas melhores condições, ella está sujeita a «pannes» que impedem a quem a conduz de cumprir sua missão.

Por isso, apezar do seu fraco rendimento em relação a uma machina collocada em condições, que permittam seu emprego, o homem, em geral, e, no caso da investigação, que nos occupa, o cavalleiro em particular, fica esse meio com o qual se pôde contar em todas as circumstancias. E isso porque o coração de um soldado de alma bem formada não tem «panne» e porque é com os corações que se ganham as batalhas.

Escola de tiro para a Artilharia de Costa

Um bom numero de artilheiros, preocupa-se neste momento, com o estudo de sua arma, tal a evolução e progressos ultimamente notados em relação quer á construção do material quer ao emprego tactico. Os ensinamentos da ultima guerra são de facto numerosos em se tratando de artilharia. Entretanto, reduzido é o grupo que pensa na A. C.

Não vejo razão para tal desânimo, porque, si attralente é a artilharia de campanha, a de costa, na actualidade progride a olhos vistos e, tomando em consideração o que se passa nos Estados Unidos, paiz que, em matéria de artilharia de costa, indiscutivelmente conseguiu realizar um progresso extraordinario em relação aos paizes europeus, podemos concluir do seu importantissimo papel. Ela empolgou a mocidade militar americana com a qual conseguiu a constituição de um corpo de officiaes de elite.

A proposito das exigencias do R/I/Q/T e referentes á instrucção dos quadros, tive oportunidade de assistir a uma conferencia feita por um 1º tenente, que é aliás um estúdioso official, na qual, combateu com certo ardor as idéas dominantes acerca da desmontagem dos canhões que guarnecem o Forte da Lage.

Incontestavelmente, pelo lado technico e visando o moderno armamento com que neste momento são dotados os navios, a razão de ser do Forte em questão, como elemento de ruptura, deixa de ser apreciavel.

Entretanto, o conferencista opinava pela desmontagem e retirada apenas dos canhões de 240^{m/m}, que seriam collocados em um outro ponto da costa, enquanto que, o restante material seria conservado (3 torres de 75^{m/m} e 1 cupola de 150^{m/m}), no sentido de tornar a obra um elemento protector de um campo minado.

Como artilheiro, que procura estudar com interesse os assumptos inherentes á arma, concordo em parte com o oficial em questão, isto é, com a conservação da obra, divergindo todavia quanto á nova função a dar ao Forte. Pelo lado da protecção de um campo minado é discutível a sua conservação e tal fosse a zona do campo criado, seu raio de ação etc., porém, em relação á conservação da obra, não se pôde discutir. Uma nação que atravessa uma crise financeira tão séria como a actual (e que aliás convulsiona o mundo), não pode pensar em desmontar um forte, pela simples razão de que os seus canhões estão envelhecidos de cerca de 30 anos. Encarando a questão desse modo, surge logo a pergunta muito natural: COMO APROVEITAR O FORTE E DELLE TIRAR O MAXIMO RENDIMENTO PRATICO?

Aqui vai a minha opinião que, certa ou não, representa uma modestíssima contribuição para minha arma. Do que mais se resente neste momento a artilharia de costa é a falta de uma *Escola de tiro!* Eis o que penso do destino, sem dúvida muito nobre, a dar á *Lage*. Os artilheiros precisam atirar muitíssimo e justamente é o que muito pouco se faz na A. C. e justificadamente porque um tiro de grosso calibre, representa uma somma respeitável e um gasto vultuoso, entrando em conta com a vida dos canhões.

O material da *Lage* está velho de cerca de 30 anos, então, antes que o seu envelhecimento aumente muito mais, tratemos de transformá-lo em elemento de estudo para os artilheiros de costa.

A Escola de tiro propriamente falando nenhuma despesa traria com o seu funcionamento, porque, ella exigiria os elementos seguintes :

- a) Um posto telemétrico ;
- b) Um holóphote :
- c) T. S. F. e Telephonía S. F. ;
- d) Um posto de signalização óptica.

Todos os elementos já existem aqui nos Sectores. Para o primeiro, isto é, o posto telemétrico, seria empregado o do Forte de São Luiz; o holóphote, seria o de Santa-Cruz ou o do Forte de Imbuhy; a T. S. F., existe em todos os fortes; da telephonía S. F., foram feitas excellentes experiencias que agradaram muito e finalmente um posto de signalização é cosa facil de montar pelas próprias unidades.

Os officiaes dos Sectores de Leste e Oeste, seriam obrigados uma vez por semana, a

resolver um thema de tiro. O posto de Comando installado com mais propriedade no Forte de São Luiz, com um posto de observação tambem ahi organizado. No exercicio, seriam ocupados dois officiaes, um commandante da bateria, o qual, restaria na *Lage*, na sua torre de comando, neste momento ligada telephonicamente com suas torres e cupolas e o outro receberia o thema em São Luiz, onde determinaria todos os elementos do tiro que transmittiria, pelos meios postos a sua disposição ao official da *Lage*.

Todos os officiaes subalternos dos Sectores passariam pelo commando das torres de 75^m/m e das cupolas de 150^m/m e 240^m/m.

Os capitães, durante o curso, seriam em cada thema justamente empregados, um no commando da *Lage* e outro resolvendo o thema no posto de commando em São Luiz.

Depois de todos os capitães praticarem nas duas funções, seriam elles encarregados de dirigir o cuso dos subalternos, que então passariam a resolver themes e commandar o Forte. Todos os officiaes de artilharia de costa ficariam condecorados do funcionamento hidráulico do forte couraçado.

Os officiaes, salvo os que tivessem as funções de commando na *Lage*, reunir-se-iam em São Luiz, onde auxiliariam o official incumbido do thema, quer como observadores quer no registro dos tiros.

Desde os primeiros exercícios, os alvos sempre collocados num raio de ação batido pelos canhões do Forte, seriam dotados de dispositivos que permitissem o seu movimento embora sem direcção. No caso do encarecimento dos alvos, pelo facto de serem accionados por um dispositivo qualquer, no mínimo seriam collocados « à matroca » participando do movimento das correntes marinhas ou do vento. Nunca o emprego do alvo fixo (ilhas, etc.).

A Escola, funcionando sómente em um dia da semana, poderá atirar em media 10 tiros por peça de grosso calibre. Isto representaria um consumo de 20 tiros de 240^m/m, 20 de 150^m/m e 60 de 75^m/m.

Si o curso durasse dois meses, a munição em paixões, asseguraria uma existencia para a Escola de cerca de 5 annos. Esgotada a velha munição do Forte, os resultados colhidos seriam por força muito apreciaveis e restaria ainda á velha fortificação o nobre papel de Escola de tiro, com a montagem de outros canhões envelhecidos, porém não usados e o nosso Arsenal de Guerra que já fabrica projectis de exercícios para os ca-

nhões de 75^m/m, possivelmente poderá fabricar os para os de outros calibres.

Assim aproveitado o Forte, a Escola teria o seu funcionamento assegurado e a officialidade da A. C. uma boa aprendizagem.

Uma guarnição de velhos artilheiros engajados e reengajados, completaria a Escola, que nestas condições teria que funcionar com um pessoal habilitado e profundamente conhecedor do material.

São idéas geraes, cujos detalhes seriam facilmente assentados.

O conjunto da Escola constituido pela propria officialidade dos dois Sectores, te-

ria como director technico e instructor, um official superior da artilharia de costa (Sector ou Inspecção) ou mesmo um dos commandantes de Sectores.

Eis o que penso do novo destino á dar a historica « Ratier », uma das mais velhas fortificações do Brazil, hoje conhecida como *Forte da Lage* e cuja reconstrucção data de 1905.

Rio, 10—8—923.

Cap. FRANCISCO FONSECA.

Do Forte da Lage

RESUMO DA GUERRA DO PARAGUAY

(CONTINUAÇÃO)

Combate de Iatahy-Corá

Uma column paraguaya, composta de 2 batalhões de infantaria e alguma cavallaria, atacou a 10 de julho um batalhão argentino denominado *Catamarca*, que ocupava posição em Iatahy-Corá, segundo lhe fôra determinado pelo commando em chefe alliedo, mas foi facilmente repellida.

Voltando, porém, á carga no dia seguinte, os paraguayos atacaram aquella posição avançada, travando renhido combate com o batalhão argentino que a garnecia e que ainda dessa vez conseguiu obter positivas vantagens, neutralisando os planos dos atacantes.

Essa pequena acção, apezar de sua pouca importancia, ficou conhecida na historia pelo nome de combate da Iatahy-Corá, razão pela qual a mencionamos.

Simples escaramuça, sem alcance militar de valor apreciavel, custou a acção, entretanto, 200 mortos e 400 feridos aos paraguayos e 207 baixas, entre mortos e feridos, aos argentinos.

Os paraguayos foram ahi commandados pelos generaes Diaz e Elizardo Aquino e os argentinos pelo general Paunero.

Combate do Boqueirão

~ CROQUIS - 7 ~
COMBATE DE —
YATAY-CORA - BOQUEIRÃO



Mal assumira o commando do exercito brasileiro, coube logo ao general Polydoro um terrível baptismo de sangue.

Os paraguayos haviam construído uma poderosa trincheira á esquerda do exercito brasileiro, com o objectivo manifesto de atacal-o de revés.

Era preciso providenciar a respeito e, para isso, foi ordenado o ataque á posição, avançando na noite de 15 o general Guilherme de Souza, á frente de 8 batalhões, 1 bateria de 4 canhõe de campanha e 1 destamento de engenharia. Já durante a noite começára o contacto com os paraguayos,

Tinham elles ocupado admiravel posição, encoberta por espesso bosque e immenso bocado, apresentando apenas duas entradas por dois *boqueirões*, ambos protegidos por trincheiras e fossos adrede construídos.

Ao romper do dia 16, o general Guilherme de Souza avançou mais ainda, travando-se uma lucta excepcionalmente encarniçada, as tropas brasileiras conquistando, afinal, a posição, mediante uma carga violenta de bayoneta.

A's 11 horas, o exercito argentino investiu pela direita, sem encontrar resistencia, todos esperando desse movimento a derrota prompta do adversario, que se concentrou na esquerda, proseguindo a peleja com encarniçamento.

Entretanto, sem que nada o justificasse, o general em chefe mandou retroceder o exercito argentino. O general Menna Barreto, com sua brigada, procurou avançar pelo porto Pires, mas esse movimento não foi possível, porque o terreno não o permitia. A's 9 horas da noite, quando já exhaustas as tropas em lucta, avançou como reforço, com 5 batalhões da divisão do general Victorino Monteiro e 4 batalhões argentinos, o coronel Conesa, que desde logo teve de enfrentar os paraguayos, até que estes, por volta das 10 1/2 horas da noite, cessaram os ataques ás trincheiras e arrefeceram o bombardeio; os aliados conseguindo ficar senhores da posição.

Perderam os brasileiros nessa refrega 1.900 homens, entre mortos e feridos, o adversario devendo ter soffrido uma perda equivalente.

Tomada da trincheira de Carapá

Pela manhã de 18, os aliados decidiram levar a effeito um reconhecimento na direção das mattas para as quaes os paraguayos haviam refluído no combate anterior.

Mal, porém, os generaes Victorino e Flores iniciaram a referida operação, o comandante em chefe lhes ordenou o ataque ás novas posições inimigas.

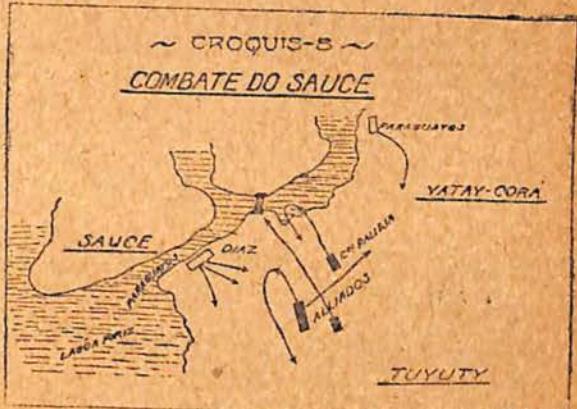
Cumprindo a ordem, o general Victorino, com o 5.^º e 21.^º batalhões, avançou para agir em ligação com a 3.^ª divisão argentina, comandada pelo coronel Cezario Dominguez e que era auxiliada pelo batalhão oriental *Independencia* e pelo 16.^º de voluntarios brasileiros, enquanto o tenente-coronel Salustiano, com o 2.^º de linha e o 30.^º de voluntarios, avançava para outro lado.

O batalhão oriental *Florida*, sob o comando do coronel Palleja, atacou a frente do adversario, que, das mattas em que se encontrava occulto, respondeu com terrivel fuzilaria.

Resolvida a carga a bayoneta, os aliados rapidamente conseguiram desalojar o adversario, ocupando a chamada trincheira *Carapá*, cuja defesa fôra feita pelo major paraguaio Marcellino Coronel.

Os paraguayos ahí dexaram 7 canhões, calibre 12, e passaram a agir então na trincheira da extrema direita, no sitio denominado *Sauce*, para onde a lucta se transferiu.

Combate do Sauce



As trincheiras da extrema direita, como dissemos, passaram a constituir o objectivo dos alliancos, que para ahí convergiram seus esforços.

Os paraguayos activaram o bombardeio. A principio, apenas 2 canhões brasileiros puderam responder ao canhoneio adversario, mas depois 8 outros entraram em acção, apezar da escassez do espaço disponivel, preparando-se, então, o assalto, de execução aliás muito difficultil, porque a fuzilaria inimiga tornara-se ahí de uma efficacia excepcional. Contudo, os aliados não desanimaram.

O coronel Palleja, á frente do batalhão *Florida*, pediu reforço para iniciar o assalto e este lhe foi proporcionado pelo 15.^º de voluntarios e 7.^º de infantaria brasileiros.

Em seguida, os aliados avançaram, mas foram repellidos pelo fogo mortifero com que os recebeu o adversario.

Renovando, porém, o ataque, um contingente do batalhão de engenheiros, avançando resolutamente, conseguiu entulhar grande parte do fosso, por onde afinal, á custa de ingentes sacrificios, os aliados puderam in-

vestir contra as trincheiras, penetrando no baluarte inimigo.

Este, porém, embora recuando, sustentou a luta encarniçadamente, recebendo pouco depois um reforço das três armas, graças ao qual pôde aumentar a terrível resistência.

Os aliados se viram na dura contingência de ceder parte do terreno já conquistado, mas o general Polydoro Jordão ordenou o avanço do 2.º corpo de caçadores a cavalo, desmontado, o que aliás pouco adeantou, visto como o adversário era continuamente reforçado, augmentando o seu fogo.

A luta assumiu então proporções extraordinárias, os aliados sendo dizimados violentamente na refrega.

O general Diaz, à frente do adversário, mandou reforçar as tropas repelidas das trincheiras e em seguida impeliu contra os aliados os 6.º, 7.º, 12.º, 13.º, 36.º e 40.º batalhões, protegidos pelo regimento n.º 21 de cavalaria, tropas essas que, ainda novamente reforçadas, travaram um mortífero duelo á arma branca.

Além disso, o marechal Solano Lopez ordenou o avanço de 1.800 cavallianos contra a direita dos aliados, que, tendo á frente os maiores argentinos Ayalla e Mansilla, formaram quadrado, rechassando energicamente a impetuosa carga inimiga.

Pouco depois renovada a terrível carga de cavalaria, apoiada então por um batalhão de infantaria, ainda os aliados conseguiram repellir-a com brilho.

Mas afinal exhaustos, com uma inferioridade numérica considerável e sem a esperança do concurso necessário de novos esforços em vão pedidos, os aliados resolveram a retirada, realizando a delicada operação com grande êxito, graças á bravura com que dois batalhões brasileiros conseguiram deter a columna organizada pelo inimigo para a perseguição projectada.

Os aliados conseguiram assim recolher-se ás trincheiras *Carapá*, depois de consideráveis perdas: 4.621 baixas, entre as quais 3.622 de brasileiros.

Foi morto nesse combate o bravo coronel Palleja e ferido o general Victorino Monteiro, ficando ainda fóra de combate 332 oficiais, sendo 261 brasileiros, 59 argentinos e 12 uruguaios.

Os paraguaios perderam o general Aquino e o major Marcellino Coronel, mortos, além de outros oficiais e grande número de soldados.

Considerações

As três acções, respectivamente denominadas combates de Iatahy-Corá, Boqueirão e Sauce, que tantas vidas preciosas custaram aos aliados, foram consequência da inacção imperdoável do general Mitre, que olvidou por completo que sem perseguição immediata e a fundo toda vitória é falha e incompleta.

De facto, após a batalha de 24 de Maio, em que os paraguaios sofreram um grande revés, todos esperavam que o general em chefe ordenasse o avanço geral para Huayatá.

Conduzir-se differentemente não seria commeter sómente um grave erro; seria também perpetrar um grande crime!

Mas, desgraçadamente, tal crime se consumou!

De 24 de Maio a 10 de julho, os aliados estiveram na mais lamentável inacção, nutrindo apenas um canhoneio fraco e realisando escaramuças que nada adeantavam e bem pouco condiziam com a capacidade militar de um chefe que assumira o commando de tropas numerosas e pertencentes a três nações amigas ou pelo menos, igualmente interessadas na campanha.

Foi em consequência desse facto que o general Manoel Luiz Osorio, desgostoso, passou o commando de suas tropas ao general Polydoro Jordão, recolhendo-se ao Brasil, em 15 de Julho.

Os paraguaios, não obstante incansaveis nas surpresas e demais operações da pequena guerra, já não demonstraram certa arte, limitando-se a ataques frontaes, d'onde o insucesso fatal a que estavam condenados, se bem que os aliados não raro os imitassem.

No combate do Boqueirão, como dissemos anteriormente, a ordem de retirada ás tropas argentinas, dada pelo commando em chefe, sem causa alguma que a justificasse licitamente, constituiu um verdadeiro desastre para os aliados, como se viu.

Em consequência dessa ordem, a tomada da posição teve de ser feita com sacrifícios exagerados, apezar do grande pavôr que tinham os paraguaios pelas nossas terríveis cergas de bayoneta.

Mais uma vez reproduziram-se os ataques frontaes apenas, preconceito que se inverterá no espírito dos belligerantes da época.

Assim foi que o general Mitre anulára o acertado movimento do exercito argentino, quando elle procurava avançar pela direita dos paraguaios.

No ataque ás trincheiras Carapá, já os aliados se houveram com mais habilidade, pois que, enquanto o batalhão *Florida* realizava o ataque frontal, o general Victorino e o coronel Dominguez levaram a effeito um ataque contornante, graças ao qual os paraguayos não se puderam manter nas posições, concentrando-se, então, na extrema direita das trincheiras.

O combate do Sauce foi uma acção puramente frontal, dahi resultando um desperdício grande de energias de parte a parte, sem resultado apreciável.

Apenas, já no final da lucta, os paraguayos empregaram o reforço de cavallaria em um ataque á direita dos aliados, mas

foram mal sucedidos porque, no caso, o que se impunha era um ataque ao flanco, cujo successo seria certo.

A prova está em que os simples quadrados formados pelas tropas dos maiores Ayalla e Mansilla annullaram por completo todas as probalidades de exito do adversario.

Felizmente para os aliados, os paraguayos tambem abusavam dos ataques frontaes, o que nos induz á suppôr que desconheciaram ainda as preciosas lições de guerra tão claramente escriptas nas paginas da historia pelo maior dos capitães modernos, Napoleão Bonaparte.

Cap. NILO VAL

Factos & Notas

CURSOS DE ACCESSO (França)

Na França funcionam presentemente varios cursos para proporcionarem aos officiaes o preparo necessário para que fiquem em condições de bem instruirem e commandarem, tactica e administrativamente, as unidades correspondentes ao posto de acesso.

Os cursos para o accesso aos postos de major, tenente-coronel ou coronel — comprehendem: um preparatorio, commun ao pessoal de todas as armas e dirigido por um general; cursos theoricos e praticos especiais a cada arma, sob a direcção dos chefes directores das escolas e centros de instrução de cada especialidade.

O programma do curso commun se desenvolve dentro do quadro de Divisão, em vista do emprego das diferentes armas, para o accesso a major, e no do corpo do exercito para os tenentes-coroneis e coroneis.

O programma consigna um estagio de tres semanas em Versailles, de 16 de Abril a 5 de Maio para os cursos de major, de 11 a 30 de Junho para tenente-coronel e coronel, e um periodo de pratica de duas semanas no acampamento de La Courtine, de 7 a 19 de

Maio para major e de 2 a 13 de Julho para tenente-coronel e coronel.

Ha ainda os cursos para capitães.

Os de infantaria tem por fim preparar o candidato para o commando, instrução e administração de uma companhia, quer na paz, quer na guerra, e um batalhão no combate. Duram 7 semanas em Versailles, 1 em Chalons e 3 para exercícios de esquadra (12 de Abril a 7 de Julho).

Os de artilharia funcionam em Bitche e em Poitiers (22 de Maio a 13 de Julho) e preparam para o commando da bateria.

Ha ainda os cursos para capitães de cavallaria, de unidades de carros de assalto e aeronáutica.

O EXERCITO BRITANICO

Da revista alema *Wissen und Wehr*, de Novembro passado:

«O Reino Unido da Gran Bretanha tem uma superficie de 315.000 km.² e uma população approximada de 47 milhões de habitantes.

O Exercito Britanico é formado pelo exercito regular e pelo exercito territorial.

O efectivo de paz do exercito regular é de mais ou menos 15.000 officiaes e 186.097

praças, isto é, 0,4 %, da população das ilhas britannicas. A estes se juntarão 3.000 officiaes e 81.200 homens das tropas indianas e mais 55.673 homens pertencentes aos serviços do exercito, de modo que o efectivo total de paz ascende a 18.000 officiaes e 323.000 inferiores e soldados.

O exercito territorial tem actualmente um efectivo de 160.000 homens, mas o efectivo que deve ter realmente é de 13.100 officiaes 210.000 homens, formando 14 divisões de infantaria e 1 de cavallaria (*Ieomanry*).

O rei é o commandante supremo do exercito, mas exerce o *commando supremo*, de accordo com a Constituição, por intermedio do Ministro da Guerra, que deverá ser membro do Parlamento, e, por consequencia, raras vezes é oficial do Exercito.

A autoridade superior é o Ministerio da Guerra (*War Office*), uma de cujas secções é o Estado-Maior-General, á cuja testa se acha o «Chefe do Estado-Maior-General Imperial».

O Reino Unido está dividido em 7 distritos militares e o districto de Londres, cada um delles ás ordens de um general-commandante.

O exercito regular consta de 6 divisões de infantaria e 5 brigadas de cavallaria e tropas especiaes.

Quanto á *organisação de paz das divisões de infantaria*, parece que ainda não se chegou a accordo definitivo.

Antes da guerra, a D. I. se compunha de: 3 brigadas de infantaria, a 4 batalhões cada uma, estes a 4 companhias e 1 pelotão de metralhadoras, 1 esquadrão, 3 grupos de canhões de campanha a 3 baterias de 6 peças, 1 grupo de obuzes ligeiros de campanha, de 3 baterias a 6 peças, 1 bateria de canhões pesados e tropas especiaes.

De accordo com as experiencias de guerra, se modificará essa organisação e provavelmente será ella semelhante á da divisão mobilizada.

A divisão mobilizada terá provavelmente a seguinte organisação: 3 brigadas de infantaria a 4 batalhões de 4 companhias; cada companhia conta com 8 metralhadoras leves (Lewis); em cada batalhão ha desde o tempo de paz 1 pelotão de metralhadoras com 8 metralhadoras pesadas (Vickers) e 1 secção de lanças-minas leves com 2 lanças-minas leves; cada brigada de infantaria tem

1 companhia de lanças-minas. Além disso, a divisão mobilizada tem 1 batalhão de metralhadoras a 4 companhias, 1 batalhão de sapadores de infantaria, 1 esquadrão, 2 grupos de artilharia de campanha cada um a 2 baterias de canhões e 1 bateria de obuzes de campanha, 1 grupo de lanças-minas a 2 baterias de 6 lanças-minas médios, 1 companhia de estafetas, columnas e trens.

Não enquadradas na divisão se acham toda a artilharia pesada e as formações especiaes.

O *batalhão* é a unidade na infantaria. A expressão *regimento* só existe para fim de substituição.

A *brigada de cavallaria* consta, em tempo de paz, de 3 regimentos a 3 esquadrões cada um.

O *corpo de tanks* consta de 6 batalhões, inclusive 1 batalhão de instrução e 1 de deposito, e 12 companhias independentes de tanks, 1 companhia independente no território do Rheno e 2 grupos independentes no Egypto e no Irak.

A companhia se compõe de 16 tanks.

Ao todo, ha uns 300 tanks em bom estado.

Ha 2 tipos: o tank grande de 23 tons. de peso, armado de 6 metralhadoras pesadas ou 2 canhões de 5,7 cm. e 4 metralhadoras pesadas, com 8 homens de guarnição, e o tank (whippet) de 16 tons., com 1 canhão de 5,7 cm. ou 1 metralhadora pesada com 3 homens de guarnição.

As *forças aereas* britannicas dependem do Ministerio do Ar e comprehende as forças aereas militares, navaes e civis.

A unidade tactica na aviação é o *esquadrão*, que consta de 1 estado-maior e 3 secções de 6 aviões cada uma. Tres ou mais esquadrões formam uma *ala* e tres ou mais alas constituem um *grupo*.

Ao todo, ha 34 esquadrões, com mais ou menos 610 aviões em bom estado.

O efectivo das forças aereas ascende a 2.900 officiaes e 25.000 sub-officiaes e soldados.

O *armamento* da infantaria, cavallaria e sapadores consta de um fuzil Lee-Enfield de 7,7 ms., da metralhadora leve Lewis e da metralhadora pesada Vickers sobre tripode.

A artilharia divisionaria está armada de um canhão de campanha de 8,38 cm. e um obuz ligeiro de campanha de 11,75 cm. A

artilharia pesada tem canhões de 11,94 — 12,7 — 15,24 — 23,4 cm., com alguns tipos de peças de grande potencia.

O orçamento de guerra para o exercito britannico, sem os exercitos coloniaes, para 1921/22 ascende a 106,3 milhões de libras sterlinas; as despesas totaes da Gran Bretanha, para o mesmo anno, ascendiam a 1.025 milhões de libras sterlinas, em vista do que as despezas militares attingem, mais ou menos, a 1/10 da despesa total da nação.

O EXERCITO INDIO é formado por tropas nacionaes commandadas por officiaes britannicos e por tropas regulares britannicas.

O effectivo de paz do exercito da India atinge actualmente a 218.000 homens, dos quaes 70.000 são brancos.

O exercito se divide em 22 D. I. e 5 B. C., com tropas especiaes.

As unidades britannicas na India são: 57 batalhões de infantaria, 8 regimentos de cavallaria, 64 baterias de artilharia de campanha, montanha e pesada e 27 de artilharia a pé.

Em resumo: as tropas britannicas regulares, inclusive o exercito indio e as tropas que estão nas colonias, têm um effectivo total de 18.000 officiaes brancos, 323.000 sub-officiaes e soldados brancos, 6.000 officiaes de côr e 265.000 sub-officiaes e soldados de côr.

Ao todo: 24.000 officiaes e 590.000 soldados, que formam 366 batalhões, 256 esquadões, 191 baterias, no geral de 6 peças, 300 carros de assalto, 610 aviões em serviço, além das unidades que se encontram nas pequenas colonias e cujo numero não se conhece.

INSTRUÇÃO DE INFANTARIA (Allemanha)

O exercito allemão decidiu que o curso do primeiro grão da Escola de Infantaria seja feito pelos aspirantes a officiaes de todas as armas attendendo ja que, familiarizados com os processos de combate de infantaria, melhor conhacerão suas necessidades.

O EXERCITO ESPANHOL

O rei é o chefe supremo das forças de terra e mar.

A administração central, a cuja frente se acha o ministro da guerra, comprehende:

1) — O Ministro da Guerra (um sub-secretario, o intendente general, 10 secções de armas e serviços).

2) — O Estado-Maior Central, sob a imediata dependencia do Ministro, se divide em 6 secções, encarregadas dos estudos relativos á organisação e instrucção do exercito, bem como da preparação para a guerra.

O chefe do Estado-Maior-Central tem o posto de capitão-general e é de direito o generalissimo designado para o tempo de guerra.

3) — O Conselho Supremo de Guerra e Marinha, cuja organisação data do seculo XVI.

E' um tribunal supremo, composto de officiaes generaes de mar e terra incumbidos de julgar, em ultima instancia, todas as questões de ordem militar, tanto as que affectam ao pessoal, como as que se referem ás suas e sua interpretação.

4) — O Commandante Geral de Alabardeiros (guarda pessoal do rei).

5) — A Direcção Geral de Carabineiros.

6) — A Direcção Geral da Guarda Civil.

7) — O Commandante Geral do Corpo de Invalidos.

8) — A Vigaria Geral de Capellania Militar.

O Exercito em paz comprehende:

1) — O exercito da peninsula.

2) — As guarnições das Baleares e Canarias.

3) — O exercito colonial de Africa.

O exercito da peninsula está repartido em 8 regiões militares, constituindo cada uma uma capitania geral.

Cada região comprehende um certo numero de provincias, que têm á sua testa um official general ou superior, com o nome de governador militar da provincia.

A lei fixou em 6 o numero de divisões de infantaria na peninsula e em 3 o das divisões de cavallaria.

A D. I. se compõe de :

2 brigadas de infantaria, a 2 regimentos.
1 regimento de artilharia ligeira.
1 regimento de artilharia pesada.
1 parque divisionario.
1 batalhão de sapadores.
1 secção de projectores.
1 companhia de telegraphistas.
Unidade de intendencia e saude.

A D. C. comprehende :

3 brigadas de 3 regimentos.
1 batalhão de cyclistas.
1 grupo de artilharia a cavallo.
Destacamentos de engenheiros, de intendencia e de saude.

As unidades seguintes não estão enquadradas nas divisões :

14 batalhões de caçadores de montanha ;
1 batalhão de instrução ; 3 regimentos de infantaria de bases navaes (1) ; 1 grupo de instrução de cavallaria ; 3 regimentos de artilharia de montanha ; 3 regimentos de artilharia de posição ; 1 grupo de artilharia de instrução ; unidades de artilharia anteaérea ; 1 regimento de ferro-viários ; 1 batalhão de radiotelegraphia ; 2 batalhões de aerostação ; unidades de aeronautica.

Nem todas essas unidades, entretanto, já estão organizadas.

O EXERCITO DA TURQUIA

O Exercito Nacionalista conservou a ordem ternaria adoptada desde a organisação de 1900—1911.

Comprehende : 4 exercitos, 9 corpos de exercito, 25 divisões, 6 divisões depositos, 6 divisões de cavallaria.

(1) — Cada uma das tres bases navaes deve comprehender os elementos seguintes : 1 regimento de infantaria, 1 comando de artilharia de costa, 1 companhia de sapadores de fortaleza, 1 companhia de aerostação e forças de aviação, 1 secção de intendencia e 1 secção de saude.

Em principio, o exercito comprehende 2 corpos de exercito, de 3 divisões a 3 regimentos, cada uma a 3 batalhões de 3 companhias de infantaria a 3 pelotões.

A D. I. se compõe de :

1 batalhão de assalto.
3 regimentos de infantaria.
1 esquadrão de cavallaria.

1 regimento de artilharia (geralmente, 1 grupo mixto de 4 baterias, 2 grupos de campanha e 2 de montanha).

1 companhia de engenharia.

1 destacamento de ligação.

O R. I. comprehende :

3 companhias a 3 secções.

1 companhia de metralhadoras de 2 secções de 2 peças.

1 trem de combate.

A D. C. se compõe de 3 a 6 regimentos com algumas peças de artilharia.

Como elementos do C. E. existem :

1 regimento de cavallaria.

Algumas baterias pesadas (105 e 150).

Unidades de transporte.

Como elementos de E : alguns batalhões de infantaria e regimento de cavallaria independente, algumas unidades de cavallaria de exercito e 2 companhias de aviação.

O segredo da guerra consiste em — *mediar* primeiramente, *decidir* com firmeza e *agir* com rapidez.

*

E' preciso ferir o adversario em um ponto vital e de surpresa.

*

Ser forte em todos os pontos é, no geral, um êrro.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos :

Revista de Medicina e Hygiene Militar—
(Rio)

Manual del Ejercito de Chile—(Chile)—
Julho.

Revista del Circulo Militar (Perú)—Maio.

Manual de Infantaria (Hespanha).

Manual del Estado Mayor del Ejercito
(Colombia).

Revista Militar (Argentina)—Julho.

Revista Militar (Portugal).

Medicina Militar (Rio)—Julho.

Union Ibero-Americanica (Hespanha) —
Julho.

Revista de Ingenieros Militares (Chile) —
Agosto.

Revista Maritima Brasileira (Rio).

A concepção do combate defensivo é a mesma do combate offensivo. Em ambos, a idéa directriz é a de manobra.

Expediente

São nossos agentes de annuncios nesta Capital o 1.º sargento João de Magalhães Carvalho e o 2.º sargento Mariano Alcides de Castro, que estão autorizados a receberem as importâncias relativas aos referidos annuncios.

As dificuldades com que luta . . . A Defesa Nacional, em virtude do augmento extraordinario do preço do papel e da mão de obra, leva-nos á contingencia de suprimir algumas assignaturas gratuitas e pedir aos nossos presados representantes a fineza de regularisarem quanto possivel as cobranças, com o que nos prestarão mais um inestimável auxilio.

ANNUNCIOS

Preços por semestre :

1 pagina	100\$000
1/2 "	50\$000
1/4 "	25\$000
1/8 "	15\$000

Repetições (por semestre)

1 pagina	60\$000
1/2 "	30\$000
1/4 "	15\$000
1/8 "	10\$000

Pedimos aos nossos assignantes a fineza de comunicarem as mudanças de residencia, afim de se evitarem extravios da correspondencia.

PRYTANEU MILITAR

CURSO DE PREPARATORIOS

197 — PRAÇA DA REPUBLICA — 197

O PRYTANEU MILITAR, installado em proprio nacional cedido pelo Ministro da Guerra, á Praça da Republica n. 197, é um estabelecimento destinado a ministrar o ensino preparatorio aos filhos dos officiaes de terra e mar, bem como a todos aquelles que desejarem cursar suas aulas.

A tabella de preços é sensivelmente inferior á dos estabelecimentos congêneres desta cidade.

Não visando auferir lucros, o PRYTANEU contenta-se apenas com o custeio do magisterio e outras despezas.

E' mais um centro de diffusão de ensino do que uma fonte de rendas.

Sua administração é a seguinte:

Director — General Jonathas Barreto.

Inspector do Ensino — General Alcides Bruce.

Thesoureiro — Tenente-Coronel Luiz Tettamanti.

Secretario — Major Augusto Feliciano Pereira Pinto.

MONTEPIO DO CLUB MILITAR

O MONTEPIO é uma instituição formada no Club Militar por varios socios, mas completamente independente da ASSISTENCIA (antigas Caixas A, B e C) quanto á sua administração e organisação. Os seus principaes fins são :

- 1º — Conceder pensões mensaes e vitalicias ;
- 2º — Cuidar da educação dos filhos menores do socio que os deixar em condições precarias.

Apezar do reduzido numero de seus socios, o MONTEPIO continua em franca prosperidade; seu patrimonio, de accôrdo com o paragrapho 1º do artigo 2º, está sendo empregado em emprestimos sufficientemente garantidos, mediante a taxa de 6 % ao anno, aos seus socios, e de 8 % aos que não pertencerem ao MONTEPIO, já tendo em movimento quantia superior a trezentos contos.

Para ser socio do MONTEPIO é necessario ser socio quites do Club Militar e requerer á directoria do MONTEPIO, declarando nesse requerimento dia, mez e anno em que nasceu, tabella em que deseja inscrever-se e o modo por que pretende fazer o pagamento da joia.

O MONTEPIO tem sua séde no proprio edificio do Club, funcionando o seu expediente diariamente das 14 ás 16 horas.

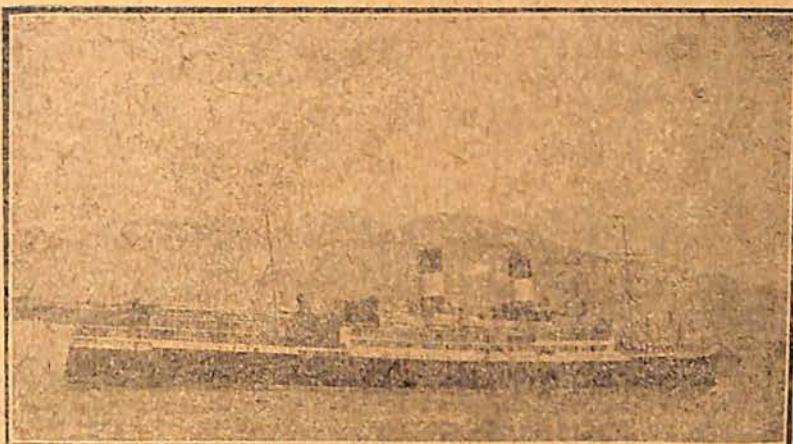
Para mais informações — dirigir se ao Major Augusto Feliciano Pereira Pinto, Secretario do Montepio do Club Militar. Avenida Rio Branco n. 251. D. F.

NAVIGAZIONE GENERALE ITALIANA

SOCIETÁ RIUNITE FLORIO, RUBATTINO E LLOYD ITALIANO

O rapido e luxuoso Paquete

“GIULIO CESARE”



SAHIRÁ PARA GENOVA EM 12 DE NOVEMBRO

27.000 Toneladas - Comprimento 200 metros - Quatro helices

AGENTES GERAES

“Italia — America”

SOCIEDADE BRASILEIRA DE EMPREZAS MARITIMAS

São Paulo

Rio de Janeiro

Santos

Rua Alvares Penteado, 43 * Avenida Rio Branco, 2, 4 e 6 * Praça da Republica, 26

Casa Mattos

Cereais — Molhados — Ferragens

Líquidos e Comestíveis Finos

Pereira de Mattos & Comp.

Telephone Central 1389

Rua Evaristo da Veiga, 126

RIO DE JANEIRO

GUIA

PARA

Instrução e Exercício

DAS

Tropas de Saúde em tempo de paz

POR

ALVES CERQUEIRA

Preço : 5\$000 — Pelo correio mais 500 rs.

Livrarias : «Alves» Rua do Ouvidor, 166
e «Leite Ribeiro» Rua Bittencourt da Silva, 17.

PAGINAS PERDIDAS

ACERCA DA
ORGANISACAO SANITARIA DO EXERCITO

POR

ALVES CERQUEIRA

Preço : 5\$000 — Pelo correio mais 500 rs.

Livrarias : «Alves» Rua do Ouvidor, 166
e «Leite Ribeiro» Rua Bittencourt da Silva, 17.

CURSO FREYINET

DIURNO E NOCTURNO — FUNDADO EM 1910

Curso de preparatórios — para os exames finais de preparatórios no Colégio Pedro II;

Curso Vestibular — para os exames vestibulares nas Escolas Superiores;

Curso de Admissão — para a matrícula nos primeiro, segundo e terceiro anos do Colégio Militar, no primeiro ano do Colégio Pedro II e da Escola Normal;

Curso Complementar — para habilitar à matrícula no Curso de Preparatórios;

Curso Superior — para o estudo das matérias ensinadas nas Escolas Superiores;

Curso Normal — para o estudo das matérias ensinadas na Escola Normal;

Curso de Revisão — para os exames de Segunda época no Colégio Pedro II e em outros Estabelecimentos de Ensino;

Curso Commercial — para habilitar ao desempenho de qualquer cargo nos Estabelecimentos Comerciais e Bancários e nas Repartições Públicas.

ENSINO GRATUITO DE DACTYLOGRAPHIA A SENHORAS E SENHORITAS



Director : Dr. Sinesio de Farias

Engenheiro Militar — Doutor em Mathematica e Sciencias Physicas — Tte. Cel. Lente Cathedratico da E. Militar

47 - RUA URUGUAYANA - 47
SOBRADO

Telephone Central 5027

RIO DE JANEIRO